

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE BARROS MORDINI AIZENAS

UMA COMPARAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO DE
HABILIDADES SOCIAIS EM INDIVÍDUOS COM TOC:
questionário (IHS-Del Prette) e observação direta em atividades estruturadas

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE BARROS MORDINI AIZENAS

UMA COMPARAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO DE
HABILIDADES SOCIAIS EM INDIVÍDUOS COM TOC:
questionário (IHS-Del Prette) e observação direta em atividades estruturadas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Denigés Maurel Regis Neto

Co-orientadora: Profa. Dra. Paola Esposito de Moraes Almeida

SÃO PAULO

2014

Agradecimentos

A meus pais, que me deram a oportunidade de realizar um sonho e trilhar por um novo caminho profissional. Muito obrigada pelo apoio e carinho de todos os dias.

A meu marido David, que com toda compreensão e apoio acompanhou de perto meu trabalho, sempre acreditando e incentivando minha busca por novas realizações.

A toda minha família, que em algum momento e de alguma forma me apoiaram e me deram força.

A meu professor e orientador Denigés (Jazz) pela dedicação, disposição e empenho durante todo o processo deste trabalho. Meu sincero agradecimento por todo conhecimento que você brilhantemente transmitiu.

A Paola que como professora, supervisora e co-orientadora teve grande importância no meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Aos meus colegas, Bárbara, Louise, Giovanna, Larissa, João e Amanda que deram toda força e apoio durante o estágio e a coleta de dados.

Aos meus amigos Erika, Renan, Catarina e Thaís que me apoiaram e me incentivaram.

7.07.00.00-1 – Psicologia

UMA COMPARAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO DE HABILIDADES SOCIAIS EM INDIVÍDUOS COM TOC: Questionário (IHS-Del Prette) e observação direta em atividades estruturadas

2014

Aline Barros Mordini Aizenas

Orientado por: Denigés Maurel Regis Neto

Co-orientadora: Profa. Dra. Paola Esposito de Moraes Almeida

RESUMO

A pesquisa discute algumas das variáveis envolvidas na origem e manutenção do transtorno obsessivo-compulsivo e as formas pelas quais o tratamento vem sendo realizado. Segundo a literatura o treinamento de habilidades sociais pareceu bastante promissor, visto que muitos dos indivíduos com diagnóstico de TOC possuem um repertório social bastante limitado, que por vezes acaba contribuindo na manutenção e agravamento do transtorno. Considerando que os modos de avaliação de repertório são condição fundamental tanto para o desenvolvimento de estratégias de intervenção, quanto por possibilitar a avaliação do sucesso de tais intervenções, o objetivo da pesquisa foi analisar e comparar os resultados obtidos com três indivíduos diagnosticados com TOC através de duas formas de avaliação de habilidades sociais, uma realizada por meio de um inventário padronizado (Inventário de habilidades sociais - IHS-Del Prette) e a outra por meio da observação direta de atividades estruturadas (desenvolvida pelo grupo de terapeutas dos participantes). A comparação entre os dados obtidos através dos dois métodos permitiu perceber divergências entre os resultados de cada avaliação e alguns aspectos que podem ter colaborado para isso. Destaca-se a utilidade das avaliações estruturadas, tanto por permitir a observação direta da interação social dos participantes, dando acesso aos repertórios e déficits de habilidades sociais, quanto por permitir a elaboração de uma gama enorme de atividades que promovem interações e permitem a avaliação.

Palavras-chave: transtorno obsessivo-compulsivo, avaliação comportamental, habilidades sociais, análise do comportamento, relato verbal.

Sumário

1.1. TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO.....	7
1.2. ANÁLISES COMPORTAMENTAIS DO TOC	8
1.3. HABILIDADES SOCIAIS.....	14
2. MÉTODO.....	18
2.1. Participantes	18
2.1.1. Critérios de inclusão	18
2.1.2. Critérios de exclusão	18
2.1.3. Participante 1:	18
2.1.4. Participante 2:	19
2.1.5. Participante 3:	20
2.2. Local da coleta	21
2.3. Material	21
2.4. Instrumentos de Pesquisa	22
2.4.1. Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette)	22
2.4.2. Folha de Registro	23
2.4.3. Atividades Estruturadas para avaliação	24
2.5. Coleta dos Dados: Procedimento.....	27
2.6. Análise dos dados das avaliações estruturadas	28
2.6.1. Levantamento das oportunidades	28
2.6.2. Registro por Frequência e por Ocorrência	28
2.6.3. Levantamento dos resultados	29
2.7. Cuidados Éticos	29
3 Resultados e Discussão	30
3.1. Resultados do Inventário	30
3.1.1. Participante 1	30
3.1.2. Participante 2	31
3.1.3. Participante 3	33
3.2. Resultado das Avaliações Estruturadas	34
3.2.1. Participante 1	34
3.2.2. Participante 2	42
3.2.3. Participante 3	47
3.3. Comparação entre os resultados obtidos no Inventário e nas avaliações estruturadas	54
3.3.1. Qualificação do desempenho segundo as diferentes formas de avaliação.....	54

3.3.2.	<i>Comparação Detalhada</i>	57
4	Considerações Finais	61
	REFERÊNCIAS	63
	ANEXOS	65
	Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido	65
	Anexo B – Folha de Registro	66
	Anexo C - Histórias da Atividade 2	68

INTRODUÇÃO

1.1. TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

O transtorno obsessivo compulsivo (TOC) caracteriza-se pela presença de obsessões e compulsões. Comumente o indivíduo é acometido pelos dois tipos de sintomas, no entanto, eles podem aparecer separadamente. As obsessões são ideias, pensamentos e imagens que são indesejadas e aparecem de forma intrusiva, repetitiva e persistente. Estas, muitas vezes são confundidas com preocupações excessivas do cotidiano, no entanto, no caso do indivíduo com TOC, essas preocupações não podem ser simplesmente ignoradas ou suprimidas, causando grande sofrimento e ansiedade. As compulsões são caracterizadas por comportamentos repetitivos, muitas vezes estereotipados, que são realizados na maioria das vezes para prevenir ou eliminar as obsessões e/ou a ansiedade. Muitas vezes os sintomas são descritos como “desconectados da realidade” e por consequência não fazem sentido para o indivíduo, como, por exemplo, ter de repetir uma determinada sequência de ação, como bater a mão direita 3 vezes na porta antes de sair de casa para evitar que um acidente ocorra (compulsão), ou ainda, podem contrariar valores morais e desejos, como no caso das obsessões sexuais que envolvem crianças ou incesto (CORDIOLLI, 2014).

O diagnóstico do TOC é clínico, ou seja, não existe nenhum exame laboratorial que constate o transtorno, este então é realizado através do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) ou da Classificação dos Transtornos Mentais e do Comportamento (CID), que descrevem o quadro sintomático da doença e seus critérios diagnósticos.

Em maio de 2013 foi lançado o DSM-V, a partir dessa versão o TOC deixou de fazer parte da categoria dos Transtornos de Ansiedade, sendo incluído numa nova categoria nomeada de “Obsessive-compulsive and Related Disorder (Transtorno Obsessivo-compulsivo e Transtornos Relacionados). Nesta nova categoria estão: Transtorno Obsessivo-compulsivo; Transtorno de acumulação; Transtorno de escoriação; Transtorno de arrancar cabelos [tricotilomania]; Transtorno dismórfico corporal; Transtorno Obsessivo-compulsivo e transtornos relacionados induzidos por substância ou medicação; Transtorno Obsessivo-compulsivo devidos a uma condição médica; Outro transtorno Obsessivo-compulsivo especificado e transtorno relacionado (DSM-V, p. 235).

Segundo os critérios diagnósticos do DSM-V, o indivíduo deve apresentar: apenas obsessões, apenas compulsões ou ambas; estes devem causar desconforto clinicamente significativo ou interferir no funcionamento social, ocupacional ou outras áreas importantes, ou ocorrer por no

mínimo 1 hora por dia; os sintomas não devem ser atribuídos à efeitos fisiológicos de substâncias ou qualquer outra condição clínica; e ainda, os sintomas não devem ser melhor explicados por nenhum outro transtorno mental (DSM-V, p. 237).

De acordo com dados do DSM-V, a prevalência internacional anual de TOC varia de 1,1% - 1,8%. Na idade adulta, há uma maior prevalência em mulheres, já na infância ela tende a aparecer mais nos meninos. Ainda, conforme Cordioli, os pacientes mais graves dispendem muito tempo de suas vidas realizando suas compulsões e ruminando suas obsessões, chegando, em alguns casos, a incapacitar o indivíduo (CORDIOLI, 2014).

1.2. ANÁLISES COMPORTAMENTAIS DO TOC

Como dito anteriormente, até o DSM-IV, o TOC era considerado um quadro psiquiátrico derivado dos Transtornos de Ansiedade. Na edição seguinte, ele deixou esta categoria para uma nova, chamada de “Transtorno Obsessivo-compulsivo e Transtornos Relacionados”. No entanto, para a Análise do Comportamento pode continuar fazendo sentido analisá-lo através dos modelos de ansiedade; para esclarecer melhor esta possibilidade será apresentado a seguir uma breve retomada do desenvolvimento histórico dos modelos explicativos de ansiedade da proposta Comportamental.

Em 1913, Watson declarou em seu manifesto que o objeto de estudo da Psicologia deveria deixar de ser a mente humana e passaria a ser o comportamento. O método de conhecimento, portanto, não mais seria a introspecção, mas tudo que pudesse ser observado e mensurado a respeito da atividade humana. O comportamento, segundo este modelo, seria resultado da relação estímulo-reposta, cujas variáveis ambientais (estímulos), seriam responsáveis pelo comportamento (respostas) (Banaco, 2001).

Watson e Rayner, em 1920, realizaram um experimento que ficou conhecido como o famoso caso do “Pequeno Albert”. O objetivo do experimento foi testar se reações emocionais, como o medo, poderiam ser aprendidas através do condicionamento pavloviano. Além disso, pretendiam observar a duração do medo adquirido e a extensão desse medo para outros objetos a princípio “neutro”. Uma última fase do experimento, que nunca ocorreu pretendia extinguir o medo adquirido para discussão de formas de tratamento.

O participante do experimento foi um bebê de 11 meses que foi apelidado de Albert. O critério de escolha foi a ausência de reação de medo diante de alguns animais e objetos, tais como,

rato branco, coelho, cachorro, máscara com e sem cabelo, algodão, entre outros. Foram realizados testes iniciais nos quais o bebê demonstrou medo (choro, movimentos de afastamento, entre outros) na presença de ruídos intensos e repentinos.

Para que houvesse o condicionamento do medo, foram utilizados dois estímulos, um rato, estímulo inicialmente neutro para a “resposta de medo”, por inicialmente não eliciar nenhuma resposta que sugerisse aversividade; e um estímulo aversivo incondicional, no caso, o som alto de um martelo batendo numa barra. Na primeira sessão o rato foi apresentado ao bebê e no momento que este o tocou foi produzido um som alto. O bebê então saltou, mas não chorou. Na segunda sessão os dois estímulos novamente foram apresentados, o bebê então saltou e começou a emitir a resposta de choro. Após sessões de pareamento, o rato foi apresentado sozinho, e assim que o bebê o viu começou a chorar e a engatinhar rapidamente para o lado contrário ao estímulo. Além disso, outros animais e objetos com pêlos também passaram a eliciar respostas semelhantes a estas, demonstrando assim o condicionamento reflexo.

Neste sentido, a ansiedade poderia ser resultado de relações reflexas naturais, no caso de um perigo real, ou efeito de condicionamento reflexo, pelo qual um estímulo inicialmente neutro passa a eliciar respostas características da ansiedade por ter passado por uma história de pareamento com um estímulo aversivo incondicionado.

Wolpe em 1958 propôs, baseado neste modelo, uma técnica de tratamento, na qual, estímulos evocadores de ansiedade eram apresentados ao indivíduo, juntamente com estímulos incompatíveis a estes, como estímulos produtores de relaxamento, de forma que a relação reflexa da ansiedade fosse inibida. Esta técnica foi chamada de Dessensibilização Sistemática. Neste procedimento, o indivíduo é exposto gradualmente aos estímulos geradores de ansiedade, inicialmente na imaginação e posteriormente *in vivo*, associado ao que foi chamado de inibidor de ansiedade, como um relaxamento muscular e respiração controlada (CORDIOLLI, 2014).

Esta proposta de análise e tratamento foi, portanto, sustentada pelo modelo de condicionamento respondente que inaugurou o Behaviorismo (posteriormente conhecido como ‘Metodológico; MATOS, 1999). Desenvolvimentos posteriores acrescentaram elementos importantes a essa análise.

O Behaviorismo Radical, novo modelo proposto e desenvolvido por Skinner, acrescentou novas variáveis como responsáveis pelo comportamento. Com relação a isso, Skinner (1953) afirma:

Os reflexos, condicionados ou não referem-se principalmente à fisiologia interna do organismo. Muitas vezes estamos mais interessados, entretanto, no comportamento que produz algum efeito no mundo ao redor. Este comportamento origina a maioria dos problemas práticos nos assuntos humanos e é também de um interesse teórico especial por duas características singulares. As consequências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isto acontece, podem alterar a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente (p.64-65).

O comportamento, portanto, é originado e mantido através da relação indivíduo-ambiente, cujas consequências de determinada ação altera a probabilidade de sua nova ocorrência no futuro. Neste sentido, como afirma Banaco (1997) “A crença na seleção leva, a no mínimo, pensar que todo e qualquer comportamento seja adaptativo, dentro das contingências que o mantém” (p. 81), ficando clara a necessidade de se realizar uma análise funcional das contingências de origem e manutenção dos comportamentos relacionados ao TOC, ou seja, torna-se necessária a investigação da função que os comportamentos relacionados ao TOC possuem para cada indivíduo, uma vez que este comportamento só existiria e se manteria devido a consequências importantes produzidas por ele, seja por reforçamento positivo, seja por reforçamento negativo.

Como dito anteriormente, o TOC caracteriza-se pela presença de obsessões e compulsões. As obsessões são imagens, pensamentos e ideias que normalmente possuem conteúdo bastante aversivo causando grande sofrimento e ansiedade no indivíduo. A compulsão, em geral, seria mantida pela fuga da ansiedade eliciada pela obsessão ou pela esquiva dos eventos que desencadeariam essas obsessões, ou seja, a presença do estímulo aversivo ou pré aversivo (aversivo condicionado) torna-se ocasião para a emissão de respostas compulsivas, que por eliminarem (diminuírem ou atrasarem) os estímulos aversivos são reforçados negativamente (ZAMIGNANI, 2000).

Tendo em vista que esses comportamentos são mantidos por reforçamento negativo (de fuga/esquiva), característicos dos transtornos de ansiedade, Victor Meyer (1966) passou a tratar pessoas com TOC a partir da Dessensibilização Sistemática de Wolpe, além disso, através de pesquisas, Meyer começou a utilizar uma participação mais ativa dos pacientes, no sentido de expor o indivíduo com TOC aos estímulos geradores de ansiedade e a abstenção da realização dos rituais. Esta técnica então foi chamada de Exposição com Prevenção de Respostas (EPR). (CORDIOLLI, 2004)

Este procedimento parte do pressuposto de que as compulsões e as evitações realizadas no intuito de reduzir a ansiedade e o desconforto gerados pelos estímulos eliciadores de obsessões

reduz a possibilidade de contato com o próprio estímulo aversivo, dificultando sua extinção respondente, que é entendida como uma queda natural e espontânea da ansiedade como resultado de frequentes e duradouras exposições a um estímulo aversivo condicionado. Neste sentido, a Exposição com Prevenção de Respostas, por não permitir a evitação do contato do indivíduo com o estímulo aversivo obriga sua exposição, permitindo quebra do pareamento e, portanto, a extinção respondente (CORDIOLLI, 2014).

Considerando os rituais e atividades características do TOC como controladas (ao menos em parte e inicialmente) por contingências de reforçamento negativo podemos considerar as características destacadas por Sidman (1995/2011):

Reforçamento negativo, então, particularmente se intenso e contínuo pode restringir estreitamente nossos interesses, até mesmo causando uma espécie de “visão de túnel” que nos impede de atentar para qualquer coisa, exceto o estresse a que estamos, no momento, sendo submetidos. Nós podemos dar conta muito bem de rotinas estabelecidas, embora talvez de uma maneira estereotipada, mecânica ou compulsiva. Em casos extremos, estaremos sempre olhando por sobre os ombros para ver que novo desastre está a ponto de desabar sobre nossas cabeças. (p. 109)

Considerando as atividades de TOC também como operantes mantidos por reforçamento negativo seria crítico conhecer e manejar essas respostas para um tratamento eficaz. A EPR deveria impedir essas respostas que interrompem a exposição ao estímulo ansiogênico e que são reforçadas exatamente por remover, diminuir ou atrasar o estímulo aversivo.

De acordo com Vermes e Zamignani (2002), o tratamento de pessoas com TOC, através das técnicas de EPR apresentou diversos resultados satisfatórios e foi por um grande período de tempo a forma de tratamento mais utilizada. No entanto, muitos indivíduos não se engajam ou desistem das atividades propostas pela técnica, principalmente por seu caráter aversivo. Isto é, para o tratamento seria necessária a exposição ao estímulo ansiogênico, que por esta característica seria o evento que reforça as respostas que o eliminam.

Observou-se também que alguns casos que inicialmente demonstravam melhora apresentavam recidivas no passar do tempo, sugerindo que outras variáveis também poderiam estar controlando esses comportamentos. Com relação a isso, Zamignani (2000) aponta:

“[...] diversas outras consequências, além da eliminação da estimulação aversiva, podem exercer controle operante e, portanto, atuar na seleção e manutenção da classe de respostas obsessivo-compulsiva. [...] No caso de uma criança, em função de seu comportamento

“estranho”, sua mãe pode pegá-la no colo e perguntar se está tudo bem. Pode ainda pedir para seu pai conversar um pouco com ele, para ver se ele se abre mais com o pai – que geralmente chega cansado do trabalho ou não tem tempo para nada. Uma outra pessoa poderia, em função de seu problema, ser afastada do trabalho com o qual esta bastante insatisfeita.” (p. 250)

Guedes (2001) chama atenção, também, para as “relações familiares como produtoras e mantenedoras do TOC”. Sobre isso a autora aponta mudanças que muitas vezes são geradas na vida das pessoas que convivem com um familiar com comportamentos obsessivo-compulsivos, estas vão desde ajudar em tarefas, falar diversas vezes sobre o mesmo assunto, submeter-se a rituais, a deixar de utilizar cômodos da própria casa. Frente a essas demandas, os familiares, muitas vezes sem suporte profissional, agem de diversas maneiras, em alguns momentos eles atendem a essas solicitações, em outros eles ignoram e por vezes punem esses comportamentos. O problema é que estas ações inconsistentes por parte dos familiares, acaba reforçando esses comportamentos de modo intermitente, ou seja, em alguns momentos, os familiares reforçam estes comportamentos, em outros não. Como se sabe, o reforçamento intermitente, e neste caso, de esquema variável, produz padrão de comportamento extremamente resistente a extinção.

Zamignani (2000) acrescenta, que grande parte dos indivíduos que possuem o diagnóstico de TOC possuem um repertório social muito limitado, o que diminui significativamente a possibilidade de produzir consequências reforçadoras, principalmente as sociais. As interferências ou até as incapacidades nos diferentes contextos da vida desses indivíduos dificultam a manutenção e inclusive o desenvolvimento de tais habilidades. Dessa forma, poucas são as probabilidades de que outras consequências, principalmente as sociais, mantenham uma resposta alternativa e/ou incompatíveis com a resposta-problema.

Nesse sentido, o déficit de habilidade (em particular as sociais) abrem espaço para que repertórios, como os rituais, se estabeleçam; simultaneamente, o comprometimento do repertório do indivíduo pelos rituais e atividades relacionadas ao TOC interferem no desenvolvimento de outras habilidades. Poderíamos também considerar que a falta de habilidades implica não só em uma restrição dos reforçadores produzidos mas também na manutenção (mesmo que atrasada) das condições aversivas; ambas implicações podem levar a condições (aversivas) propícias para o refinamento ou cronificação dos padrões de TOC.

Diante do exposto, o treinamento de habilidades sociais parece ser uma alternativa de tratamento interessante, pois a instalação de um novo repertório e o desenvolvimento das

habilidades já existentes, pode ser uma forma de possibilitar o acesso a novos reforçadores sociais e eliminar de forma efetiva condições aversivas, por meio de respostas aceitas socialmente.

Em 2004, foi publicado na Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva um artigo de Mitsi, Silveira e Costa, que investiga como, com qual frequência e com que efetividade o treinamento em habilidades sociais vem sendo utilizado como tratamento principal de pessoas diagnosticadas com Transtorno Obsessivo-compulsivo. A base de dados utilizada para tal foi o PsyINFO, um site americano que funciona como banco de dados de artigos e livros sobre a ciência do comportamento e a saúde mental. A busca abarcou artigos publicados em inglês entre os anos 1972 e 2002 e usou-se como palavras chave “Obsessive Compulsive Neurosis” e “Social Skills Training”, em diversas formas de combinações. Nesta pesquisa foram encontrados 18 artigos, sendo 2 da década de 70, 3 da década de 80, 9 da década de 90 e 4 entre os anos de 2000 e 2002, demonstrando um aumento considerável na pesquisa sobre esses temas com o passar dos anos. Desses 18 artigos, apenas 10 foram encontrados pelos pesquisadores para análise.

Dentre os artigos analisados, apenas quatro pesquisas utilizaram o treinamento de habilidades sociais como tratamento principal, e ainda, em três delas o diagnóstico de TOC não era único, aparecendo como comorbidade de outros transtornos, como Fobia Social, Esquizofrenia e Déficit de atenção e hiperatividade. Nas demais pesquisas o treino de habilidades sociais aparecia como tratamento secundário. Além disso, segundo os autores da revisão, não foram encontrados relatos sobre a efetividade das intervenções com foco no treinamento das habilidades sociais. Ficando clara a necessidade de se pesquisar mais sobre a eficácia do treinamento de habilidades sociais no tratamento do TOC.

1.3. HABILIDADES SOCIAIS

A autora Sheila Giardini Murta publicou em 2005 os resultados de uma análise da produção nacional de Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais. Para tal, foram utilizadas buscas com as palavras-chave “habilidade sociais e intervenção” em: a) resumos na base de dados LILACS; b) periódicos brasileiros indexados; c) anais de encontros de Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental ¹; e d) livros produzidos por grupos nacionais de pesquisa sobre relações interpessoais. Foram encontrados 17 programas de intervenção, com datas entre 1996 e 2003, tendo sua maior concentração neste último ano, os quais foram divididos em Prevenção Primária, Secundária e Terciária.

Os programas caracterizados como ‘Prevenção Primária’ trabalharam com pessoas que não apresentam problemas interpessoais, no intuito de desenvolver habilidades sociais como forma de minimizar os riscos de problemas interpessoais no futuro.

.Esta categoria englobou sete trabalhos cujos participantes e objetivos respectivamente foram: Löhr (2203) trabalho com crianças de educação infantil da rede pública de ensino, promovendo habilidades de assertividade, solução de problemas, leitura de contexto e empatia; Del Prette e colaboradores (1998) trabalharam com professores de escola pública para promover habilidades sociais que auxiliam o desempenho social, como dar e receber feedback, fazer perguntas, coordenar e organizar grupos, entre outros; Del Prette e Del Prette (2003b) replicação do trabalho anterior com mudança no método; Gorayeb e colaboradores (2003) trabalharam com adolescentes e professores com o intuito de promover habilidades sociais como forma de prevenção de comportamentos de risco, como gravidez precoce, drogas, doenças sexualmente transmissíveis; Falcone (1999) trabalhou com estudantes universitários, a fim de desenvolver habilidades de empatia; Del Prette, Del Prette e Berreto (1999) trabalharam com psicólogos e estudantes de psicologia com intuito de desenvolver habilidades sociais necessárias para a prática da profissão; Magalhães e Murta (2003) trabalharam com estudantes de psicologia com o intuito de promover habilidades de assertividade e empatia.

Todos os trabalhos apresentados nesta categoria foram realizados em grupos, com uma média de 14 sessões, em geral realizadas semanalmente, com duração em torno de 90 minutos. Os procedimentos de treinamento foram bastante variados, destacando-se, exposição conceitual de categorias de habilidades sociais, discussão de temas relacionados, vivências, dinâmicas, modelagem, atividades de auto-observação, entre outros. Os processos de avaliação, pré, durante e

pós intervenção também foram variados, utilizando métodos de observação direta, aplicação de inventários padronizados, check list personalizado de comportamentos sociais, relatos verbais e questionários de avaliação de impacto pós intervenção. Na maioria dos estudos as ferramentas de avaliação foram utilizadas em conjunto e apresentaram progressos ao final da intervenção, com exceção de uma das intervenções que obteve, através do relato verbal dos pais das crianças que passaram por intervenção, uma melhora no repertório das habilidades sociais, aos quais não foram confirmados através dos dados observacionais, demonstrando divergência entre os resultados obtidos.

Os trabalhos enquadrados na “Prevenção Secundária” deram ênfase à crianças, adolescentes, pais e adultos com problemas de relacionamentos interpessoais. Muitas das intervenções foram realizadas em clínicas escolas de Psicologia e em escolas do ensino fundamental.

Os trabalhos descritos e incluídos nesta categoria foram: Vila, Silveira e Gongora (2003) trabalharam com adultos cadastrados em lista de espera da clínica escola da Universidade Estadual de Londrina com padrões de comportamento caracterizados como passivo e hostil no intuito de promover a discriminação entre assertividade, passividade e agressividade, iniciar e manter conversação e ataque e defesa; Silvaes (2000, 2001) trabalhou com crianças agressivas cadastradas em clínica escola promovendo habilidades de perguntar e responder perguntas, cumprimentar amigos, participar de tarefas e seguir instruções, cooperar e elogiar colegas, entre outros; Borges e Marturano (2003) trabalharam com crianças dos primeiros anos do ensino fundamental com frequente envolvimento em conflitos com o intuito de promover habilidades de negociação, lidar com frustração e solucionar problemas; Molina e Del Prette (2002) trabalharam habilidades sociais e ensino de leitura em estudantes com dificuldade escolar com o objetivo de desenvolver o repertório acadêmico; Amaral, Bravo e Messias (1996) trabalharam com adolescentes com deformidade facial que passaram por tratamento em um instituto de cirurgia plástica e com dificuldade em habilidades sociais resultantes desta condição física; Conte (1996) trabalhou habilidades sociais com crianças e adolescentes com comportamentos caracterizados como delinquentes com o intuito de reduzir esses comportamentos .

Observou-se que todos os trabalhos apontados acima possuíam o objetivo de diminuir os comportamentos classificados como problemáticos, com exceção do grupo de adolescentes com deformidade facial que possuía o objetivo promover a interação social.

Nota-se nesta categoria que a maioria dos trabalhos foram realizado com maior número de sessões, se comparada a Prevenção Primária, tendo como média, 22 sessões que ocorriam num

intervalo de uma semana. Com relação aos métodos de avaliação e treinamento, estes foram semelhantes aos usados na categoria anterior e os resultados obtidos também foram satisfatórios.

Finalmente, os trabalhos classificados como “Prevenção Terciária” trabalharam diretamente com indivíduos cujo repertório em habilidades sociais mostrou-se bastante prejudicado. Nesta categoria, a autora enquadrou as seguintes intervenções: Gomes & Scrochio, 2001) realizaram programa integrado de tratamento fonoaudiológico e psicológico com três indivíduos com gagueira; Grossi (2003) propôs um programa de atendimento à famílias especiais com o objetivo de aumentar comportamentos adequados e diminuir comportamentos inadequados na interação entre pais e filhos com deficiência mental e/ou autismo e outros agentes relevantes; Fernandes e Souza (2000) trabalharam com uma criança com síndrome de Arperger que apresentava isolamento social e comportamentos ditos “excêntricos”; Paula (1999) desenvolveu e avaliou um programa de desenvolvimento de habilidades sociais crianças portadoras com necessidades especiais integrantes de uma sala especial de uma escola regular; Araújo e Del Prette (2003) realizaram um trabalho com duas mulheres com diagnóstico de esquizofrenia, residentes de uma moradia extra-hospitalar vinculada a um serviço de saúde mental, com o objetivo de desenvolver habilidades instrumentais e sociais.

Percebe-se que nestes trabalhos houveram outros tipos de intervenções ocorrendo paralelamente, tais como, acompanhamento fonoaudiológico, análise funcional de relações familiares e manejo para além das habilidades sociais, desenvolvimento das habilidades de cuidados pessoais, como higienização, alimentação, locomoção na comunidade, entre outros, deixando clara a maior gravidade dos casos agrupados na Prevenção Terciária. A média da quantidade de sessões foi de 24, sendo que em duas delas não apareceram o número de sessões utilizadas. Os grupos terapêuticos mostram-se menores e até individualizados em alguns casos.

Face o exposto, percebe-se que a maior parte das intervenções foram realizadas em grupos e com crianças e adolescentes. Observa-se que há uma enorme diversidade de técnicas de avaliação e treinamento de Habilidades Sociais e é possível perceber uma ampla utilização do relato verbal e aplicação de inventários padronizados como parte da avaliação dos resultados e técnicas observacionais como avaliação do processo, indicando que talvez a associação de instrumentos seja a forma, até então, mais eficaz de se avaliar a área das habilidades sociais. Nota-se ainda, que os objetivos deste tipo de intervenção são muito diversos e parecem trazer resultados vantajosos em diversos âmbitos da vida, tais como, relacionamentos interpessoais, desempenho profissional e acadêmico, redução de comportamentos de risco por parte de adolescentes e jovens, diminuição da

frequência de comportamentos problemáticos como passividade, agressividade, delinquência, aumento de comportamentos adequados e que facilitam a vida das pessoas que possuem algum transtorno ou doença mental e de seus familiares, entre outros. É importante destacar que nas intervenções com indivíduos cujos problemas mostraram-se mais complexos e severos, o treinamento de habilidades sociais foi realizado em conjunto com outras formas de intervenção, além de serem trabalhados de forma mais individualizada ou em grupos menores.

As autoras da revisão apontaram a necessidade de assegurar uma maior validade internas das intervenções, tendo em vista que apenas alguns programas utilizaram grupos controles, grupos de comparação com tratamentos alternativos ou medidas repetidas intra-sujeito antes e após intervenção, dificultando a interpretação dos resultados.

2. MÉTODO

Levando em consideração o que foi dito anteriormente sobre a grande diversidade de técnicas de avaliação e treinamento de habilidade sociais o objetivo deste trabalho foi analisar e comparar os resultados obtidos por duas formas de avaliação de habilidades sociais, uma realizada por meio de um inventário padronizado (Inventário de habilidades sociais – IHS Del Prette) e a outra por meio da observação direta destes mesmos participantes em atividades estruturadas. Visto que o treinamento de habilidade sociais parece ser uma alternativa de tratamento promissora para indivíduos diagnosticados com TOC, esta foi a população avaliada.

2.1. Participantes

Os três participantes selecionados fazem parte do grupo de atendimento terapêutico de jovens com diagnóstico de TOC, encaminhados pela equipe de psiquiatria do Programa de Doenças Afetivas e de Ansiedade (PRODAF) da Universidade Federal do Estado de São Paulo (UNIFESP).

2.1.1. Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão para a pesquisa foram: possuir diagnóstico de TOC, ser cadastrado e estar em atendimento no Programa de Doenças Afetivas e de Ansiedade.

2.1.2. Critérios de exclusão

Foi considerado critério de exclusão a frequência inconstante do participante nos atendimentos

2.1.3. Participante 1:

C. é do sexo feminino e possui 23 anos e mora com a mãe. Seus pais são separados, suas duas irmãs estudam fora de São Paulo e seu irmão, casado, mora com a família. Relata ter uma boa relação com sua mãe e seus irmãos, ao contrário do seu pai, que segundo ela, não mantém uma relação agradável. Formada em Turismo, a cliente relata ter dificuldade em encontrar emprego na área por não ter tido experiência profissional durante a graduação. Atualmente está à procura de

emprego e não frequenta nenhum tipo de atividade específica. C. relata, ainda, ter dificuldade em se relacionar.

Em sua primeira sessão, em março de 2014, a cliente disse que apresentava depressão e sintomas de TOC desde pequena e quando maior passou a ter, também, crises de pânico. Seus principais sintomas de TOC são, segundo ela, colecionar caixinhas de remédio e roupas, conferir se a porta está trancada, fazer certas coisas num número ímpar de vezes, como por exemplo, se ouvir uma música duas vezes ter de ouvir uma terceira vez e manter uma ordem específica para tomar banho. As crises de pânico, em geral, aparecem quando tem de pegar ônibus e ficar muito tempo no trânsito e, algumas vezes, diz ter medo de sair de casa por conta de violência. C. relata ter sofrido abuso sexual quando criança, o que, segundo ela, dificulta seu relacionamento com homens, tanto para amizades, quanto para relacionamentos íntimos. Atualmente a cliente realiza tratamento psiquiátrico com uso de medicamentos e frequenta o grupo terapêutico.

2.1.4. Participante 2:

A. é do sexo feminino e possui 20 anos. Mora com os pais e duas irmãs mais velhas, possui ensino médio completo e diz que deseja iniciar um curso superior, quando encontrar sua área de interesse. Atualmente realiza um curso de Recursos Humanos, ao qual não pretende seguir carreira e frequenta um grupo de jovens de sua igreja, onde participa de algumas atividades e toca flauta nos cultos.

Em sua primeira sessão, que ocorreu individualmente em março de 2014, a cliente queixou-se de ser muito fechada e tímida e que, por conta disso, não consegue falar, nem se expressar muito, e ainda, diz que preocupar-se excessivamente com o que os outros pensam a respeito dela. Relatou ter dificuldade em fazer amizades e possuir poucos amigos.

Com relação à interação familiar, A. diz ter boa relação com os pais e uma grande proximidade com a mãe, que segundo ela, participa bastante de sua vida, já a interação com o pai parece ser menor, pois, ainda segundo ela, ele é muito fechado e raramente participa das atividades e interações familiares. Em diversos momentos a cliente se compara com os familiares, dizendo ser muito parecida com o pai no sentido de ser bem fechada e que gostaria de ser como as irmãs e a mãe que, por outro lado, são bem comunicativas.

Os pais foram convidados a participar da segunda parte da sessão inicial permitindo que os terapeutas os conhecessem e ouvissem seus relatos sobre a filha. Segundo eles, a filha começou a

apresentar comportamentos obsessivos com cerca de seis anos, quando viu um passarinho morto e passou a perguntar sobre o passarinho todos os dias. Aos dez anos, quebrou um espelho e passou a queixar-se que um caco de vidro ficou preso em sua garganta, por conta disso foram a diferentes médicos e realizaram diversos exames, mas nada foi constatado. O sintoma de sentir algo preso na garganta permaneceu por algum tempo, alterando-se o objeto que imanava ter engolido, que depois de algum tempo passou a ser etiqueta de roupa. Segundos os pais, as obsessões sempre foram acompanhadas de sofrimento, ansiedade e perguntas repetitivas que asseguravam que ela estava bem. Alguns rituais também foram citados por A., como de organização, conferência e higienização. A cliente foi diagnosticada com TOC e atualmente realiza acompanhamento psiquiátrico com uso de medicamentos e frequenta o grupo de terapia.

2.1.5. Participante 3:

F. é do sexo masculino, possui 19 anos e está cursando o segundo ano do ensino médio. Em sua primeira sessão, realizada em setembro de 2014, F. contou que mudou-se com sua família de Portugal para o Brasil há aproximadamente dois anos e segundo ele a mudança foi motivada por dificuldades financeiras, dificuldades acadêmicas e problemas relacionados ao TOC que começou por volta dos 14 anos. Sua adaptação tem sido muito difícil. F. relata ter pouco amigos no Brasil, diferente de quando morava em Portugal que conhecia bastante gente. A relação familiar, segundo o cliente não é boa. Briga constantemente com o pai e diz odiá-lo, já com a mãe, a interação parece ser um pouco melhor, apresentando melhoras e pioras. A mãe e seus familiares são brasileiros e vivem no Brasil, no entanto, F. diz não ter uma boa relação com eles também.

Os comportamentos compulsivos de F. eram bastante ritualizados, de forma que havia grande interferência em sua vida e na de seus familiares, que muitas vezes, tinham de aguardar F. terminar um ritual para poder entrar num determinado ambiente da casa, por exemplo. Muitas vezes a mãe tentava, de alguma forma, ajudá-lo na realização da compulsão para que esta terminasse mais rapidamente. Quando saía a rua, F. demorava muito para chegar ao seu destino, pois tinha de ficar andando para frente e para trás e, muitas vezes, quando não era possível a conclusão de algum ritual, ou F. era atrapalhado no meio da sua realização, este ficava bastante agressivo, chegando a quebrar diversas coisas em sua casa. O garoto relata que as obsessões também eram bastante frequentes, porém hoje, tanto as obsessões, quanto as compulsões diminuiram.

O cliente contou que quando chegou ao Brasil não tinha amigos e que conheceu e namorou uma garota por cerca de um ano. Segundo ele haviam momentos bons e ruins, cujas brigas eram frequentes. Além disso, ele disse que através dela conheceu a religião que o ajuda a vencer o TOC. Ele relata que o final do relacionamento foi muito difícil para ele.

Atualmente, F. vai à academia todos os dias e também joga futebol, além de frequentar a escola, que ele diz não gostar. Segundo ele, suas notas estão baixas e correm o risco de não serem suficientes para passar de ano. Para o tratamento do TOC, o cliente faz acompanhamento psiquiátrico com uso de medicamentos e frequenta o grupo de terapia.

2.2. Local da coleta

A coleta de dados ocorreu numa sala do ambulatório do PRODAF, às quintas-feiras com a duração de aproximadamente 2 horas, no período da tarde. O grupo era composto por seis jovens com idades entre 14 e 23 e os atendimentos eram realizados por nove terapeutas, sendo uma professora supervisora do Núcleo de Psicologia Comportamental do 5º ano da graduação de Psicologia da PUC SP, seis alunos que estagiavam pelo mesmo núcleo, incluindo a pesquisadora do trabalho em questão, uma aluna que participava programa de Iniciação Científica da graduação do curso de Psicologia da PUC-SP e uma psicóloga formada que atende como voluntária.

2.3. Material

Os materiais utilizados durante a coleta de dados foram:

- Uma câmera de vídeo para gravação e posterior reprodução das sessões de atendimentos;
- Um Ipad para registro corrido das sessões em que julgasse necessário;
- Folhas de registro das categorias pré-estipuladas das habilidades sociais, utilizadas durante as sessões e posterior análise das filmagens realizadas;
- Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) para avaliação padronizada das habilidades sociais;
- Roteiro de atividades para avaliação prática das subcategorias das habilidades sociais pré-estabelecidas;

2.4. Instrumentos de Pesquisa

2.4.1. Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette)

O Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del Prette) foi elaborado por Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prete. Este é um instrumento de avaliação de desempenho social, padronizado para a cultura brasileira e destinado a jovens com faixa etária entre 18 e 25 anos.

Os materiais apresentados aos participantes para a realização do inventário são: 1 Caderno de Aplicação, 1 Folha de Respostas, 1 lápis e 1 borracha. O Caderno de Aplicação é composto pela descrição de 38 diferentes situações de interação social, comum entre jovens. Para cada situação, uma possível reação é também descrita em cada item. A Folha de Respostas é composta por uma escala tipo *Likert* com 5 alternativas que vão de *Nunca e Raramente a Sempre ou Quase Sempre*. Para seu preenchimento, o participante deve estimar o número de vezes que se comportou da forma descrita em situações semelhantes a essa que ocorreram em sua vida, para tal deve-se levar em consideração, um total de 10 ocasiões. Por exemplo: “*Nunca ou Raramente (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 2 vezes)*).

Na tentativa de evitar o que o Inventário chama de “desejabilidade social”, 15 dos 38 itens foram escritos com “fraseado negativo”, no qual a reação sugerida é indicadora de falta de habilidade. Ao contrário dos outros itens, nestes 15, frequências maiores são tidas como indicadoras de déficits e frequências menores como recursos em habilidades sociais.

Os resultados obtidos no Inventário podem ser interpretados por três diferentes enfoques: a) escore total; b) escores fatoriais; c) valores de cada item. Cada enfoque pode ser analisado em relação ao Grupo Amostral de Referência, que foi composto por 267 jovens do sexo feminino, 204 do sexo masculino e um participante que não preencheu este item, somando 472 participantes com idades entre 17 e 25 anos.

O escore total e os escores fatoriais são interpretados através posição percentil em relação ao seu subgrupo de referência do mesmo sexo. Indivíduos com percentil 50 estão situados numa posição mediana, na qual metade dos indivíduos da amostra estão abaixo de sua posição e metade está acima.

Indivíduos com percentil 50 significa que estão situados numa posição mediana, na qual metade dos indivíduos da amostra de referência estão acima e metade abaixo da sua posição. Percentis acima de 50 indicam que o indivíduo está entre os 50% do grupo da amostra que apresentaram escores mais altos em habilidades sociais. Percentis acima de 75 indicam escore entre os 25% maiores. Abaixo de 50% indica que o indivíduo está entre os 50% do grupo de amostra que ficaram abaixo da posição mediada e percentil abaixo de 25% indica que o repertório de habilidades sociais é bastante deficitário, sugerindo que seja programado uma intervenção nesta área.

Escore Total: Primeira avaliação da existência de recursos e déficits em habilidades sociais no repertório do participante

Escore Fatorial F1: Indicador de habilidades relacionadas a assertividade no caso de situações interpessoais que demandam defesa de direitos e afirmação frente a possibilidade de rejeição, réplica e oposição por parte do interlocutor. (Exemplos de situações avaliadas nesta categoria: apresentar-se a uma pessoa desconhecida, abordar parceiro(a) para relacionamento sexual, discordar de autoridade, discordar de colegas em grupo, cobrar dívida de amigo, declarar sentimento amoroso a parceiro(a), lidar com críticas injustas, falar à público conhecido, devolver à uma loja uma mercadoria com defeito, manter conversa com desconhecido e fazer pergunta a conhecidos).

Escore Fatorial F2: Repertório relacionado a expressão de afeto positivo e afirmação da autoestima em situações que oferecem baixo risco interpessoal e de reação indesejável. (Exemplos de situações: elogiar familiares e outras pessoas, expressar sentimento positivo, agradecer elogio, defender em grupo uma outra pessoa e participar de conversação trivial).

Escore Fatorial F3: Indicador de habilidades de conversação e desenvoltura social em situações de risco mínimo de reação indesejável por parte do interlocutor. Segundo o manual, um alto escore nesse fator sugere bom conhecimento de normas de relacionamento interpessoal. (Exemplos de situações: manter e encerrar conversação com contato face a face, encerrar conversa ao telefone, abordar pessoas que ocupam posição de autoridade, reagir a elogios, pedir favor a colegas e recusar pedidos abusivos.)

Escore Fatorial F4: Repertório de habilidades relacionadas a exposição a desconhecidos ou situações novas, nas quais demandam abordar pessoas desconhecidas. Nesta categoria é atribuído maior risco de reação indesejável do outro. (Exemplos de situações: Fazer apresentações ou palestras a um público desconhecido e pedir favores ou fazer perguntas a pessoas desconhecidas).

Escore Fatorial F5: Avalia a capacidade do indivíduo de reagir com razoável controle da agressividade em situações de estimulação aversiva. (Exemplos de situações: Habilidade de lidar com críticas dos pais, e com chacotas ou brincadeiras ofensivas). Neste fator, a situação de cumprimentar pessoas desconhecidas foi considerada negativa, pois poderia estar relacionada a impulsividade, que segundo o manual, é incompatível com calma e autocontrole.

2.4.2. Folha de Registro

Para a coleta de dados das avaliações estruturadas foram elaboradas folhas de registro que permitiram o levantamento dos comportamentos relevantes para a realização de interações sociais satisfatórias.

Através da literatura em treinamento de habilidades sociais (Del Prette & Del Prette, 2001; Caballo, 2003; Falcone, 2001), foram levantadas categorias indicadas como importantes para a ocorrência de interações sociais bem sucedidas, tais como, Argumentação, Empatia, Expressão e Comportamentos não verbais. Para cada uma dessas categorias foram levantadas respostas necessárias para que cada uma dessas categorias seja efetiva. Além das categorias descritas na literatura, foram acrescentadas algumas respostas que se destacaram durante as sessões como déficits ou excessos comportamentais que possivelmente dificultam ou atrapalham as interações dos participantes em seus contextos sociais.

Assim, baseado no artigo “Um roteiro para o diagnóstico comportamental” de Kanfer e Saslow (1976), a Folha de Registro foi dividida em duas partes, uma composta por Reservas

Comportamentais (Repertório Socialmente Habilidoso) e outra abarcando Excessos e Déficits Comportamentais, que são vistos como inadequados para uma interação socialmente habilidosa.

As folhas de registro foram utilizadas durante a análise das gravações das sessões de avaliação. Para cada atividade foi utilizada uma nova folha de registro e as respostas observadas foram marcadas da seguinte forma: “X” para respostas que não tiveram a oportunidade de ocorrer, “0” para respostas que tiveram oportunidade de serem emitidas mas não ocorreram e números a partir de “1” para marcar a frequência das respostas que foram emitidas.

2.4.3. Atividades Estruturadas para avaliação

Foram elaboradas diferentes atividades com o objetivo de avaliar os comportamentos definidos como importantes para uma interação socialmente habilidosa. Para tal, foram criadas situações de interações sociais, comuns entre os jovens, cujos papéis foram previamente definidos e apresentados aos participantes por um dos terapeutas. Estes então eram instruídos a agirem da forma mais natural possível, ou seja, da forma como costumam agir frente a situações semelhantes, que possivelmente ocorrem em seus contextos. Durante as avaliações os terapeutas apenas observavam e tomavam o cuidado de não apresentar nenhum tipo de reforço.

2.4.3.1. Atividade 1

Objetivo Principal: Avaliar as Habilidades de Argumentação

Instrução Geral: *“Para esta atividade vamos precisar de duplas de participantes. Cada dupla trabalhará junta na atividade, mas receberá as instruções sozinho com o terapeuta. Vamos escolher a primeira dupla?”*

Primeira dupla:

Principal: Participante C.

Instrução: “C. você deverá pedir ajuda para montar, no sábado, a programação de um passeio turístico que ocorrerá no domingo.”

Interlocutor: G.

Instrução: “G. no sábado você terá a festa de aniversário do seu grande amigo.”

Segunda dupla:

Principal: Participante F.

Instrução: “F. você deverá pedir para ajuda para estudar na quarta-feira.”

Interlocutor: Participante C.

Instrução: “C. você fará a programação do passeio turístico na quarta-feira.”

Terceira dupla:

Principal: G.

Instrução: “G. você deverá pedir ajuda para no sábado organizar a festa de seu grande amigo.”

Interlocutor: Participante F.

Instrução: “F. você terá uma competição da academia sábado.”

2.4.3.2. Atividade 2

Objetivos Principais: Avaliar as habilidades de Empatia e Expressão.

Instrução: *“Nesta atividade, cada um de vocês terá um problema para resolver. Eles estarão descritos em uma folha com instruções. Vocês devem ler e tentar resolver sozinhos este problema. Depois de realizar a atividade cada um de vocês apresentará a história que leu para os colegas presentes e conversaremos sobre ela em grupo.”*

Vide histórias no Anexo C.

2.4.3.3. Atividade 3

Objetivo principal: Avaliar as habilidades de expressão

Instrução: *“Para finalizar a nossa sessão de hoje, gostaríamos de saber o que cada um achou de participar das atividades de hoje. Tentem ser bastante sinceros, sem se preocupar com a opinião pessoal dos terapeutas. Não tem certo ou errado. Tudo o que vocês falarem nos interessa. Vamos começar?”*

2.4.3.4. Atividade 4

Objetivo Principal: Avaliar as habilidades de Argumentação

Instrução: *“Para esta atividade vamos precisar de uma dupla de participantes. Vocês trabalharão juntos na atividade, mas receberão as instruções sozinho com o terapeuta. Vamos lá?”*

Principal: Participante A.

Instrução: *“A. você deverá dizer para o L. que você está decidida a fazer faculdade de música.”*

Interlocutor: L.

Instrução: *“L. você deverá convencer A. de que está não é uma boa ideia.”*

2.4.3.5. Atividade 5

Objetivos Principais: Avaliar as habilidades de Expressão e Empatia

Instrução: *“Está será uma atividade de conversa. Para isso precisamos de duas duplas. Durante a atividade um vai contar para o outro uma história de algo que aconteceu consigo durante a semana. Vocês podem decidir o que querem contar e como querem levar esta conversa. Finjam que só existem vocês aqui e ninguém mais. Vamos começar?”*

2.4.3.6. Atividade 6

Objetivos Principais: Avaliar habilidades de Expressão e Empatia

Instrução: *“Agora gostaríamos que vocês contassem para o terapeuta que estava fora da sala o que você ouviu da história do colega e o que você achou dela. Vamos começar?”*

Para esta atividade, um terapeuta que estava fora da sala entra para ouvir a história.

2.4.3.7. Atividade 7

Objetivo Principal: Avaliar habilidades de Argumentação.

Instrução 1: *“Para a atividade de hoje preparamos um saco com algumas coisas dentro. O saco vai passar de pessoa para pessoa e no momento que ele estiver na sua mão, você vai escolher um objeto dentro do saco e dar de presente para um dos seus colegas que ainda não recebeu nenhum presente. Vamos começar?”*

Após todos entregarem os presente segue a segunda instrução.

Instrução 2: *“Agora que todos receberam os presentes, cada um de vocês terá uma chance para trocar de presente com o colega. A negociação deverá ser feita da maneira que vocês acharem melhor.”*

2.4.3.8. Atividade 8

Objetivo Principal: Avaliar as habilidades de Expressão

Instrução: *“Gostaríamos que vocês dessem uma opinião sobre a atividade e sobre o que acharam da atuação do colega.”*

2.4.3.9. Atividade 9

Objetivos Principais: Avaliar as habilidade de Expressão e Empatia

Instrução: *“Esta atividade possibilitará conhecermos cada participante sob o ponto de vista de cada um de vocês. Para tal, gostaríamos que vocês contassem um pouco do que sabem sobre a outra pessoa, expressando o que sentem e uma característica que admiram nela.”*

2.4.3.10. Atividade 10

Objetivo Principal: Avaliar as habilidades de expressão

Instrução: *“Gostaríamos de saber como foi para cada um ouvir a outra pessoa falar de você e o que vocês sentiram.”*

2.4.3.11. Atividade 11

Objetivo Principal: Avaliar resposta de Reivindicar

No meio da sessão deste dia foi dito aos participantes que ao final da sessão eles poderiam levar para casa um chocolate que compramos para eles. Deixamos os chocolates na mesa da sala e ao final da sessão, propositalmente “esquecemos” de dá-los aos participantes. Com esta atividades pudemos observar os participantes que reivindicaram o que havíamos prometido.

2.5. Coleta dos Dados: Procedimento

As avaliações estruturadas foram realizadas no decorrer de três sessões. As sessões eram divididas em aquecimento, avaliação e sessão livre. O aquecimento era composto por uma atividade mais descontraída que promovesse a interação dos participantes e os preparasse para as atividades de avaliação. A atividade de aquecimento do terceiro dia foi computado como avaliação, por dar a oportunidade de emissão de comportamentos que eram foco da pesquisa. As atividades de avaliação foram elaboradas de forma que os comportamentos a serem observados tivessem a oportunidade de ocorrer. A terceira parte da sessão era livre, no sentido de não possuir nenhuma atividade estruturada.

O Inventário foi aplicado após as atividades da terceira sessão de avaliação. A leitura das situações foi realizada pelos terapeutas e todos os participantes o preencheram a folha de resposta ao mesmo tempo.

Todas as sessões de avaliação foram filmadas e os registros ocorreram através das filmagens. A pesquisadora e uma observadora realizaram o registro da primeira sessão juntas, de modo que fossem tiradas quaisquer dúvidas a respeito da folha de registro e das respostas contidas nela. As sessões seguintes foram tabuladas individualmente e posterior a isso os registros foram comparados, demonstrando que houve concordância entre as mesmas.

2.6. Análise dos dados das avaliações estruturadas

2.6.1. Levantamento das oportunidades

Durante o levantamento dos dados observou-se que em algumas atividades, certas respostas ocorriam num grande número de vezes, ao passo que em outras atividades estas mesmas respostas deixavam de ocorrer. Isto chamou atenção para o fato de que, a depender das instruções da atividade, certas respostas tinham oportunidade de ocorrência e outras não. Assim, viu-se a necessidade de se realizar um levantamento das oportunidades de ocorrência de respostas de cada uma das atividades. Estas oportunidades, provindas das instruções foram chamadas de “Oportunidades Claras”.

Observou-se ainda, que no decorrer das atividades novas oportunidades surgiam como resultado das interações dos participantes, estas oportunidades foram chamadas de “Oportunidades Incidentais”. Também por conta das interações, algumas oportunidades deixavam de existir, não sendo mais necessária a emissão de algumas respostas que eram esperadas no início da atividade.

Além disso, pôde-se perceber que algumas respostas ocorriam sem que fosse possível observar sua oportunidade, como no caso do participante solicitar o esclarecimento de uma dúvida, no qual o estímulo discriminativo para a emissão de tal resposta não é visível para a observadora pesquisadora.

Estas escolhas foram importantes para que se pudesse realizar a análise do repertório e déficits dos participantes, pois se o levantamento de oportunidades não tivesse sido realizado, a ausência de uma determinada resposta significaria um déficit da mesma, o que na verdade poderia ser resultado da simples ausência de oportunidade para sua emissão, tendo em vista que certas respostas cabem numa determinada situação e em outras não.

2.6.2. Registro por Frequência e por Ocorrência

O registro das atividades estruturadas foi realizado tanto por frequência, quanto por ocorrência e o motivo pelo qual optou-se pelas duas formas de registro será explicado a seguir:

O inventário trabalhou com a ocorrência das respostas, no sentido de mostrar apenas se determinada resposta ocorreu ou não nas situações vividas pelos participantes que foram semelhantes as descritas. Por motivo de comparação entre as avaliações, optou-se por fazer o registro das atividades estruturadas também por ocorrência, ou seja, frente a uma oportunidade foi registrado se a resposta ocorreu ou deixou de ocorrer.

Entretanto, como dito anteriormente, observou-se que algumas respostas ocorriam sem que fosse possível observar sua oportunidade e para tais repostas fez mais sentido realizar o registro de frequência, pois não seria possível o levantamento de oportunidade destas respostas. Além disso, o registro por frequência possibilita a análise de como certas interações ocorreram, por exemplo, numa atividade em que foi necessário *Insistir num pedido*, através da frequência foi possível observar não apenas a ocorrência desta resposta, mas quantas vezes ela ocorreu nesta situação, ou seja, quantas vezes ela insistiu antes de conseguiu ou desistir do pedido. Sendo assim, a forma de

análise dessas respostas foram um pouco diferentes da análise das repostas registradas por oportunidade e ocorrência.

As respostas que foram analisadas apenas por frequência foram: *Pede mudança de comportamento*, *Pergunta / Tira dúvida / Pede esclarecimento*, *Expressa sentimento positivo*, *Expressa sentimento negativo*, *Expressa agrado à situação*, *Expressa Desagrado à situação* e todas as categorias de comportamentos inadequados que não estão relacionados com a topografia da fala.

A expressão de sentimento positivo/negativo, agrado/desagrado à situação não tiveram as oportunidades levantadas, pois julgou-se que estas poderiam ocorrer em qualquer momento das atividades e, ainda, a emissão de uma poderia excluir a necessidade de emissão da outra, dificultando assim o levantamento das oportunidades.

2.6.3. Levantamento dos resultados

Para cada resposta, foi levantado o número total de oportunidades apresentadas no decorrer de todas as atividades e neste caso somou-se as oportunidades claras com as incidentais. A partir deste total levantou-se a porcentagem de vezes em que estas oportunidades obtiveram respostas, como segue o exemplo:

No decorrer de todas as atividades de avaliação, foram apresentadas para a participante C. 6 oportunidades de *expressar opinião sobre a experiência do outro*, destas 6 oportunidades, a participante emitiu a resposta esperar em apenas 3, dando-nos o dado de que a participante C. *expressou opinião sobre a experiência do outro* em 50% das vezes em que houve esta oportunidade.

Com a porcentagem obtida em cada uma das respostas, foi possível calcular a média de porcentagem obtida por cada uma das categorias (Argumentação, Empatia, Expressão, Comportamento não verbal e Comportamentos inadequados). Para tal, somou-se a porcentagem obtida por cada uma das respostas que fazem parte de cada uma das 5 categorias acima discriminadas e dividiu este valor total pelo número de respostas que compreende esta categoria, chegando a Porcentagem Média das Categorias de Habilidades.

Para analisar o Desempenho Geral dos participantes somou-se a média obtida pelas habilidades de Argumentação, Empatia e Expressão e dividiu o valor total em 3, chegando a média de desempenho Geral.

Com relação as categorias cujas oportunidades não podem ser observadas a análise se deu sobre sua frequência, pois não havia como ser calculada a porcentagem de ocorrências por oportunidade, assim foram analisadas se estas respostas ocorreram, não ocorreram e se ocorreram qual foi o número de vezes que estas apareceram e em quais situações se deram.

2.7. Cuidados Éticos

Foram apresentados aos participantes uma página constando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, por meio do qual foram esclarecidos pontos importantes para a participação na pesquisa, tais como, dados do Pesquisador e Instituição; objetivo da pesquisa; finalidade de utilização dos dados; permissão para que as sessões pudessem ser gravadas e utilizadas para posterior análise; sigilo das identidades; possibilidade de o participante retirar-se da pesquisa a qualquer momento, se assim desejasse e possibilidade de apresentação de dados e resultados caso haja interesse do participante. A coleta de dados e atividades específicas foram iniciadas apenas a partir da concordância com o Termo de Consentimento.

3 Resultados e Discussão

Os resultados obtidos serão apresentados primeiramente pelo Inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) que será dividido por participante. Posteriormente, serão apresentados os resultados provenientes das atividades estruturadas e da mesma forma eles serão divididos por cada um dos participantes. Por último, serão comparados os resultados obtidos pelas um participante nas duas formas de avaliação.

3.1.Resultados do Inventário

3.1.1. Participante 1

Na avaliação do Inventário, a participante C. obteve os seguintes resultados:

Participante C.																								
Escore Total	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore F1	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore F2	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore F3	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore F4	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100
Escore F5	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100

Tabela 1: Posição percentil da participante C. em relação ao grupo amostral de referência do inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette)

Analisando os resultados pode-se perceber que a participante obteve o escore total e os escores fatorais bem abaixo da média do Grupo Amostral de Referência, destacando-se principalmente, o escore total e os escores fatoriais F1 e F4.

Com relação ao escore total, é possível dizer que a participante possui um repertório de habilidade social bastante limitado, ficando próxima a apenas 3% dos indivíduos do sexo feminino

Observa-se na tabela 2 que o participante A. obteve escore total igual a 10, ficando bem abaixo do percentil médio do grupo amostral de referência e sugerindo um repertório em habilidades sociais bastante limitado. Além disso, percentis entre 1 e 20 indicam que os déficits nesta área possivelmente são fontes de problemas para o indivíduo e, portanto, recomenda-se um treinamento específico. Destaca-se ainda, a disparidade entre os percentis dos escores fatoriais, que ficaram bem acima ou bem abaixo da média do grupo amostral.

O escore fatorial 1 mostrou ser o maior deficitário no caso deste participante. Como dito anteriormente este escore está relacionado com habilidades de assertividade, como em situações em que é necessária a defesa dos direitos, com possibilidade de rejeição e réplica do interlocutor. Um pouco melhor, mas também abaixo da média, ficou o escore fatorial 2, cujas habilidades avaliadas são de auto-afirmação na expressão de sentimento positivo, como em situações de fazer e receber elogios, expressar sentimento positivo, defender no grupo uma outra pessoa e participar de conversação trivial.

Os escores fatoriais 3, 4 e 5 ficaram acima da média do grupo amostral, sugerindo repertório desenvolvido nas áreas de conversação e desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas e autocontrole da agressividade em situações aversivas, respectivamente. Dentre elas, a habilidade que aparenta ser a mais desenvolvida é a conversação e desenvoltura social.

Deve-se ressaltar que dos 38 itens abordados no inventário, 23 apresentam reações socialmente habilidosas e 15 são redigidos de forma que a reação apresentada é indicadora de falta de habilidade. Analisando as respostas dadas a cada item pelo participante, pode-se observar duas contradições:

Item 9: Evito fazer exposições ou palestras a pessoas desconhecidas. Neste item a participante afirmou que em cada 10 situações de exposição ou palestra, ela evita no máximo 2 vezes.

Item 14: Faço exposição (por exemplo, palestras) em sala de aula ou no trabalho, quando sou indicado(a). Neste item a participante afirmou que em cada 10 situações de exposição ou palestra, ela apresenta no máximo 2 vezes.

Item 1: Em um grupo de pessoas desconhecidas, fico à vontade, conversando naturalmente. Em cada 10 situações semelhantes a essa, a participante relata ficar à vontade, conversando naturalmente de 0 a 2 vezes.

Item 36: Quando estou com uma pessoa que acabei de conhecer, sinto dificuldade em manter um papo interessante. Em cada 10 situações semelhantes a essa, a participante relata sentir dificuldade em manter um papo interessante de 0 a 2 vezes.

Observa-se que a participante relatou que *nunca ou raramente* fica à vontade conversando naturalmente com pessoas desconhecidas e que quando está com uma pessoa que acabou de conhecer, e portanto, praticamente desconhecida, *nunca ou raramente* tem dificuldade em manter uma conversa interessante.

Tanto nos itens 9 e 14, quanto nos itens 1 e 36, as situações mostram-se semelhantes e suas respostas foram contraditórias, o que faz questionar se a participante identificou a alteração da

reação nas descrições, ou respondeu de forma equivocada. Se essa interferência realmente aconteceu, deve-se questionar as respostas dadas aos 15 itens em que ocorrem a reversão.

Assim, de acordo com os resultados e a indicação do manual, sugere-se treinamento nas habilidades relacionadas a assertividade e auto-afirmação na expressão de afeto positivo.

3.1.3. Participante 3

O participante F. obteve os seguintes resultados na avaliação do Inventário:

Participante F.																									
Escore Total	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100	
Escore F1	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100	
Escore F2	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100	
Escore F3	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100	
Escore F4	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100	
Escore F5	1	3	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90	95	97	99	100	

Tabela 3: Posição percentil do participante F. em relação ao grupo amostral de referência do inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette)

O participante F. obteve percentil de 75 no escore total, sugerindo repertório de habilidade social bem elaborado, como sugere o manual. e acima da média do grupo amostral.

Os escores fatoriais 3 e 4 foram os que tiveram melhor resultado, indicando repertório elaborado em conversação e desenvoltura social e auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas.

O escore fatorial 1 ficou dentro da média do grupo amostral, sugerindo bom repertório em habilidades relacionadas a assertividade. Abaixo da média ficaram os escores fatoriais 2 e 5, apontando respectivamente, habilidade de auto-afirmação na expressão de sentimento positivo como bastante limitada e autocontrole da agressividade em situações aversivas como um pouco mais desenvolvida, porém abaixo do esperado.

Chama atenção a forma pela qual é calculado o escore fatorial 5, relacionado ao autocontrole de agressividade em situações aversivas. Esta categoria é composta pelos itens 18 (Lidar com críticas dos pais), 38 (Lidar com chacotas) e 31 (Cumprimentar pessoas desconhecidas). Para a apuração dos resultados soma-se os pontos obtidos nesta categoria e quanto maior o total somado melhor o valor do percentil. O item 31, no entanto, apresenta peso negativo para a soma, que chama atenção pelo teor da descrição apresentada, como mostra a seguir:

Item 31: Ao entrar em um ambiente onde estão várias pessoas desconhecidas, cumprimenta-as.

Segundo o manual, a habilidade de cumprimentar pessoas desconhecidas pode ser vista como uma característica de extroversão, importante para muitas demandas, mas também pode estar refletindo uma característica de impulsividade, incompatível com a calma e o autocontrole avaliados nesta categoria. Pela descrição do item, não fica claro o contexto em que estes cumprimentos se dão, pois há uma grande diferença entre entrar num ambiente público, com diversas pessoas desconhecidas e cumprimentá-las e entrar em um ambiente em que há tanto

pessoas desconhecidas, quanto pessoas conhecidas, como numa festa, em que o cumprimentar pode ser avaliado como uma habilidade social favorável, que não está relacionada diretamente com ausência de autocontrole e ainda, o não cumprimento, poderia ser visto como uma falta de habilidade social.

Sendo assim, dependendo da interpretação do indivíduo ao responder este item do inventário, o escore fatorial 5 pode apresentar um resultado incoerente com a habilidade de autocontrole de agressividade em situações aversivas.

Optou-se por analisar os três itens que compõe este escore fatorial. Observou-se que no item 18, o participante relatou reagir de forma agressiva *sempre ou quase sempre* que os pais o criticam, indicando que F. apresenta agressividade nestas situações. Com relação ao item 38, o participante relata levar na esportiva *muito frequentemente* as chacoalhas que os amigos fazem. Assim, é possível observar que o item 18 combina com a dificuldade em manter o autocontrole da agressividade em situações aversivas, já o item 38, não combina muito com este resultado. Ficando uma dúvida da precisão do escore fatorial F5.

Considerando os resultados apresentados pelo inventário e o que sugere o manual, indica-se ao participante, treinamento em habilidades relacionadas auto-afirmação na expressão de afeto positivo e autocontrole da agressividade em situações aversivas.

3.2.Resultado das Avaliações Estruturadas

Os resultados das avaliações estruturadas serão apresentados de duas formas: uma que apresentará a Porcentagem Média obtida pelas 3 categorias de habilidades (Argumentação, Empatia, Expressão) e outra que avaliará cada uma dessas categorias, incluindo as categorias de Comportamento não verbal e Comportamentos Inadequados, de forma mais independente, sendo apresentado os resultados obtidos pelas respostas que fazem parte de cada uma dessas categorias.

3.2.1. Participante 1

Nas avaliações estruturadas, a participante C. obteve as seguintes Porcentagens Médias:

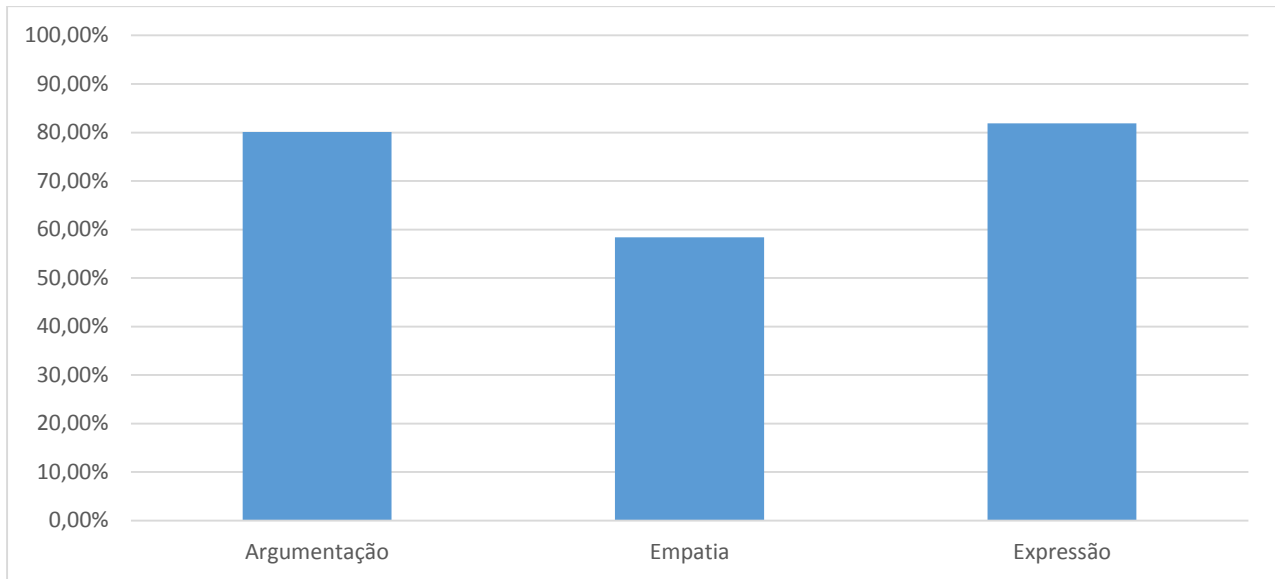


Figura 1: Porcentagem média das categorias de habilidade de Argumentação, Empatia, Expressão da participante C.

O gráfico acima mostra que nas categorias de habilidade de Argumentação e Expressão, a participante emitiu respostas em mais de 80% das oportunidades. Já a categoria de Empatia obteve um resultado menor, emitindo respostas em um pouco menos de 60% das oportunidades. Pode-se dizer que nas atividades estruturadas a participante C. emitiu mais respostas de Argumentação e Expressão do que de Empatia.

Em seguida serão analisadas as porcentagens obtidas por cada uma das respostas das categorias de habilidade:

3.2.1.1. Argumentação

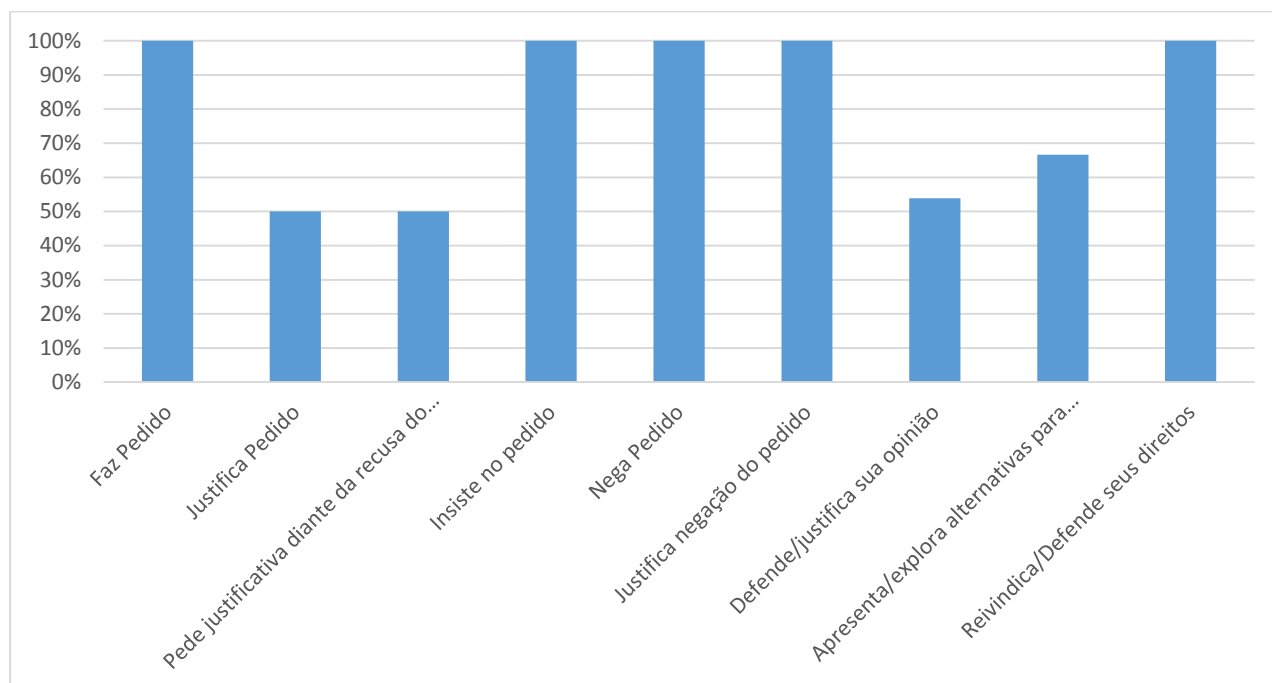


Figura 2: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de argumentação da participante C.: faz pedido; justifica pedido/importância do pedido, pede justificativa diante de uma recusa a um pedido seu, insiste no pedido, nega pedido, justifica negação/possível negação do pedido, defende/justifica opinião, apresenta/explora alternativas de solução de um problema, reivindica/defende seus direitos

A Figura 2 mostra que da Categoria de Argumentação, 9 respostas tiveram oportunidades de ocorrer durante as atividades. Deste total, 5 respostas foram emitidas em 100% das oportunidades e as outras 4 respostas foram emitidas entre 50% e 70% das oportunidades.

As categorias de *Pedir sugestão* e *Pedir mudança de comportamento* não ocorreram em nenhuma das atividades, no entanto, deve-se considerar que não houveram oportunidades claras para tais ocorrências. A resposta de *Pedir Justificativa diante de um pedido feito a ele* não mostrou-se necessária nestas atividades específicas, optando-se por excluí-la do gráfico.

As porcentagens obtidas pelas respostas de *Justificar Pedido* e *Pedir Justificativa diante da recusa a um pedido seu* chamam atenção pela importância dessas respostas. Diante de uma negociação justificar a importância do pedido pode aumentar a chance de se obter sucesso no pedido e a resposta de *Pedir Justificativa diante da recusa a um pedido* auxilia na formulação de contra argumentos durante a negociação. O fato destas respostas terem sido emitidas em apenas metade das oportunidades pode ser indicativo de possíveis dificuldades nestas situações.

A resposta de *Apresentar/Explorar alternativas de solução de um problema* foi emitida em quase 70% das oportunidades, mas também pela sua importância deve-se ter uma atenção especial.

A cada opinião expressada pela participante no decorrer das atividades, tornava oportunidade a oportunidade para a emissão da resposta de *Defender/Justificar opinião* clara. Pelo gráfico,

percebe-se que esta resposta foi emitida em 54% das opiniões expressas, o que pela sua importância é um número baixo de resposta, pois a justificativa fundamenta a opinião expressa.

Analisando os dados obtidos, é possível dizer que C. possui um variado repertório das habilidades de argumentação, no entanto, em algumas situações, estas respostas deixam de ser emitidas, o que pode ser fonte de problemas para a participante.

3.2.1.2. Empatia



Figura 3: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de empatia da participante C.: pede “por favor”, agradece, expressa opinião sobre a experiência do outro, dá continuidade à conversa acrescentando novas informações, faz perguntas sobre o que o outro acabou de dizer/sobre o outro, repete o que a outra pessoa falou, elogia, recebe elogio agradecendo

Na categoria de empatia, a maioria das respostas foram emitidas em até 50% das oportunidades.

A resposta de *repetir o que a outra pessoa falou* foi emitida em 100% das oportunidades, mostrando que a participante estava atenta ao que as outras pessoas disseram no decorrer das atividades. A resposta de *Elogiar* foi emitida nas duas oportunidades, em uma delas a participante além de elogiar, justificou seu elogio e na outra oportunidade ela elogia, mas não justificou. Quanto a resposta de *Receber elogio agradecendo*, a participante a emitiu em 66,66% das oportunidades.

Durante as atividades foi possível perceber que em diversas situações de interação em que o foco do assunto era o interlocutor, C. alterava este foco trazendo a atenção da conversa para si, contando histórias e experiências de sua vida semelhantes as do interlocutor, mas sem dizer no que

estas experiências o ajudariam, prejudicando sua habilidade de empatia. A participante apresentou 11 ocorrências de fala no decorrer das atividades, em 4 destas *C. trouxe a atenção para si*. Olhando as instruções de cada uma das atividades é possível perceber que destas 4 vezes que a participante trouxe a atenção para si, 3 foram em atividades em que era necessário falar sobre o outro, o que torna este problema ainda maior.

Observando o gráfico, chama atenção a ausência de emissão da resposta de *pedir por favor*, que por ser uma resposta verbal autoclítica mostra-se bastante importante, pois altera a eficácia de outro operante verbal.

A resposta de Agradecer foi dividida em *Recebe elogio agradecendo* e *Agradece*, pois o inventário possui um item cuja resposta de *receber elogio agradecendo* é avaliada e para que fosse possível a comparação entre estas respostas, optou-se por dividi-la. Nota-se que a resposta de *Agradecer* foi emitida em 50% das oportunidades e a resposta de *Receber elogio agradecendo* foi emitida em 67% das oportunidades.

A resposta *Relata respeitar a opinião do outro* não foi emitida em nenhuma atividade. Isto pode ser atribuído a uma ausência de oportunidade clara, mas também pode ser indicativo da ausência deste repertório. Se o caso for este, requer atenção, pois esta é uma habilidade que, por levar em consideração a opinião do outro, pode aumentar a receptividade do ouvinte.

Analisando as observações acima, é possível dizer que a participante precisa melhorar sua habilidade de empatia, para seria interessante aprimorar e ampliar o repertório existente e diminuir alguns excessos comportamentais que estão prejudicando esta habilidade.

3.2.1.3. Expressão

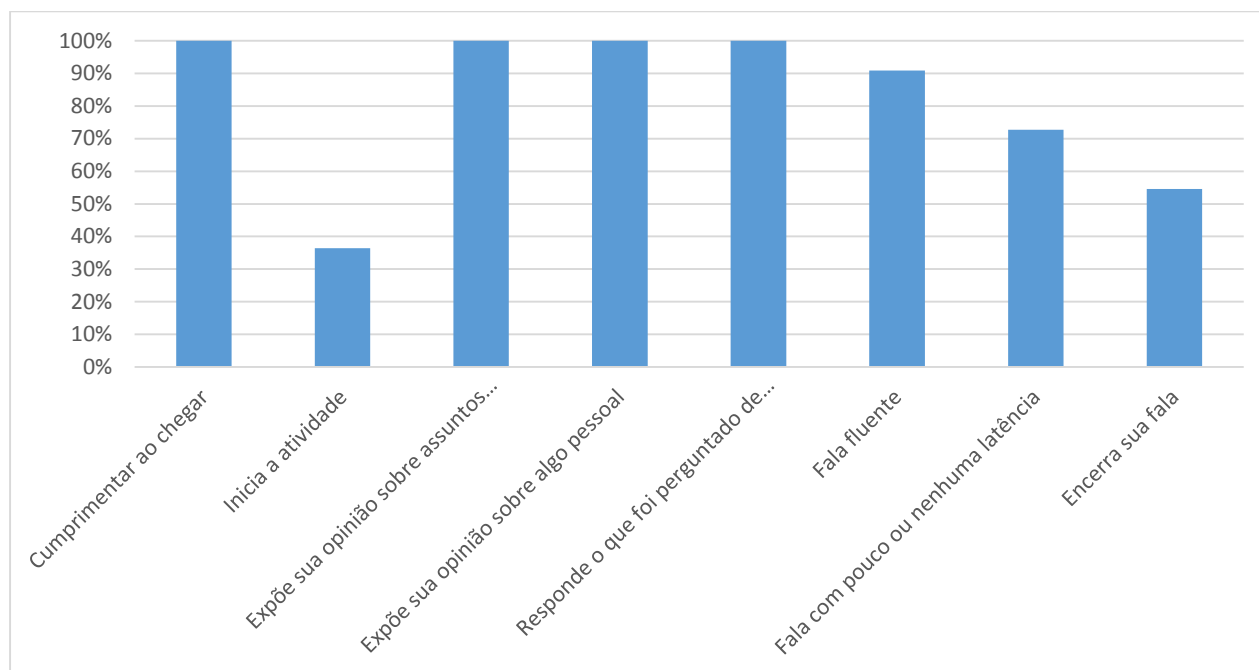


Figura 4: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de expressão da participante C.: cumprimenta ao chegar, inicia a atividade, expõe opinião sobre assuntos diversos, expõe opinião sobre algo pessoal, responde o que foi perguntado de forma objetiva, fala com pouca ou nenhuma latência, encerra sua fala

Analisando os resultados obtidos, pode-se observar que na habilidade de Argumentação, 8 repostas que tiveram oportunidades de ocorrer. Destas, 8 respostas foram emitidas em mais de 50% das oportunidades.

Do seu total de falas, 91% foram fluentes e 73% não apresentação latência ao iniciar.

Um aspecto que chamou atenção no decorrer das atividades foi o prolongamento de suas falas, que algumas vezes se dava por abordar assuntos que saíam do foco da conversa e outras por não conseguir encerrar sua fala, repetindo o que já havia dito anteriormente. Abordar assuntos que saíam do foco, foram chamadas de Fala arborizada e está ocorreu em 36,36% do total de suas falas (vide figura 6). Muitas vezes estes comportamentos ocorriam pela dificuldade da participante encerrar suas falas, que como mostra o gráfico, estas respostas foram emitidas em um pouco mais da metade de suas oportunidades.

Iniciar a atividade foi a categoria de resposta que apresentou menor porcentagem, sugerindo certa dificuldade em tomar esta iniciativa, no entanto, quando outro participante sugeria que ela o fizesse esta resposta na maioria das vezes era emitida.

As resposta de *Expor sua opinião sobre assuntos diversos* e *Expor sua opinião sobre algo pessoal* e *Cumprimentar ao chegar* foram emitidas em todas as oportunidades.

Sobre as respostas cujas oportunidades não são visíveis para o observador, é importante dizer que no decorrer das atividades, a participante emitiu 3 respostas de *expressar sentimento*

positivo, 1 resposta de *expressar sentimento negativo*, 1 resposta de *expressar agrado à situação* e nenhuma resposta de *expressar desagrado à situação*. Estes dados mostram que a participante possui repertório de expressar sentimento positivo/negativo e agrado a situação, no entanto, sobre a expressão de desagrado a situação não é possível dizer se a ausência dessa resposta significa ausência desse repertório ou se durante as atividades não houve a necessidade de sua emissão.

A resposta de *Pedir esclarecimento* foi emitida 2 vezes no decorrer das atividades, sugerindo que a participante possui esse repertório.

Analisando as observações acima, é possível dizer que a participante possui um variado repertório da habilidade de expressão, no entanto, deve-se diminuir alguns excessos comportamentais que estão prejudicando esta habilidade.

3.2.1.4. Comportamentos não verbais

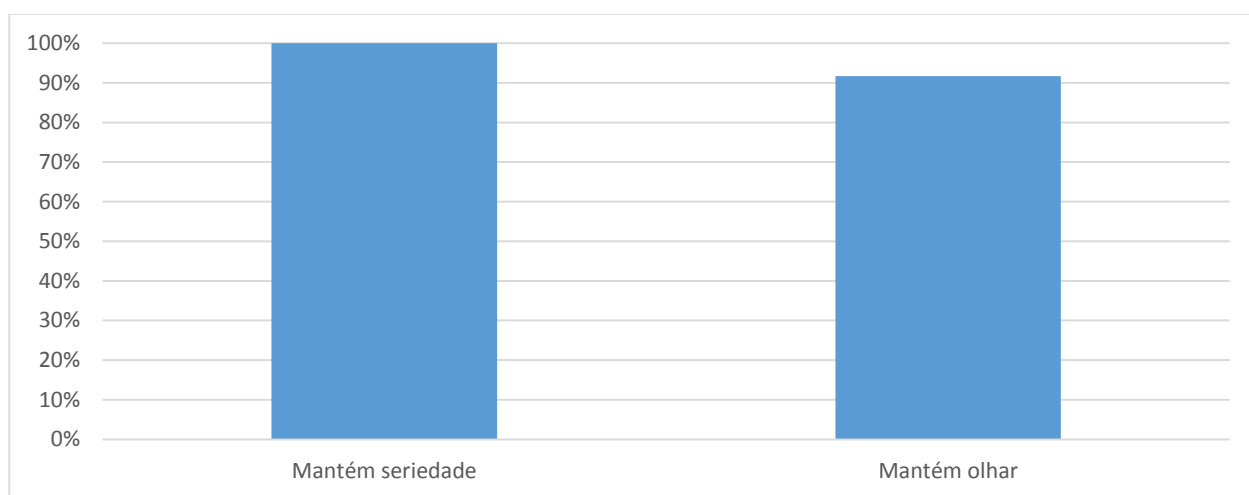


Figura 5: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade dos comportamentos não verbais da participante C.: mantém sua fala e mantém olhar

A categoria de comportamento não verbal foi composta pelas respostas de *manter a seriedade* e *manter o olhar*. A participante em questão manteve a seriedade no decorrer de todas as atividades de avaliação e com relação ao manter o olhar, pode-se perceber que nos momentos que este se desviava do interlocutor da atividade ele era direcionado para a terapeuta que possivelmente era um estímulo importante para a participante.

3.2.1.5. Comportamentos inadequados

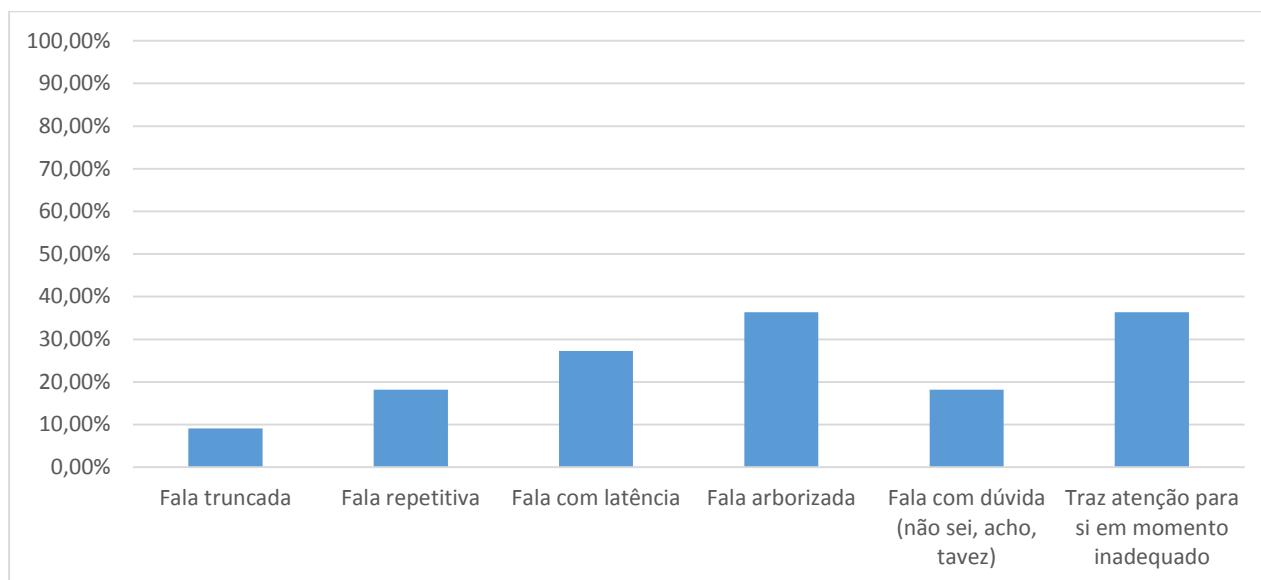


Figura 6: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade dos comportamentos inadequados da participante C.: fala truncada, fala repetitiva, fala com latência, fala arborizada, fala com dúvida (não sei, acho, talvez), traz atenção para si em momento inadequado

Como mostra o gráfico, os comportamentos que obtiveram maior porcentagem de ocorrência por oportunidade nesta categoria foram os de *Trazer atenção para si em momento inadequado* e *Falar de forma Arborizada*. Como dito anteriormente, durante as atividades foi possível perceber que em diversas situações de interação em que o foco do assunto era o interlocutor, C. alterava este foco trazendo a atenção da conversa para si, contando histórias e experiências de sua vida semelhantes as do interlocutor, mas sem dizer no que estas experiências o ajudariam. Além disso, 36,36% de suas falas foram arborizadas, ou seja, durante sua fala a participante abordava assuntos que saíam do foco da conversa.

Pela ausência de oportunidades claras, a *expressão de críticas* foi registrada por frequência. Observa-se que a participante emitiu esta resposta 1 vez no decorrer das avaliações e esta ocorreu numa atividade em que foi solicitado que o participante contasse o que sabe sobre a história de um colega e que ao final fosse lhe dado um elogio.

Observa-se que do total de falas da participante, 30% apresentaram latência no seu início. Como mostra a legenda do registro, foi considerado latência pausa de 5 segundos ou mais ao iniciar a fala (vide anexo B).

É importante ressaltar que o fato das respostas avaliadas terem ocorrido durante as atividades estruturadas, não garante que tais respostas ocorram em seus ambientes naturais.

3.2.2. Participante 2

Nas avaliações estruturadas, a participante A. obteve nas categorias de habilidades as seguintes porcentagens médias:

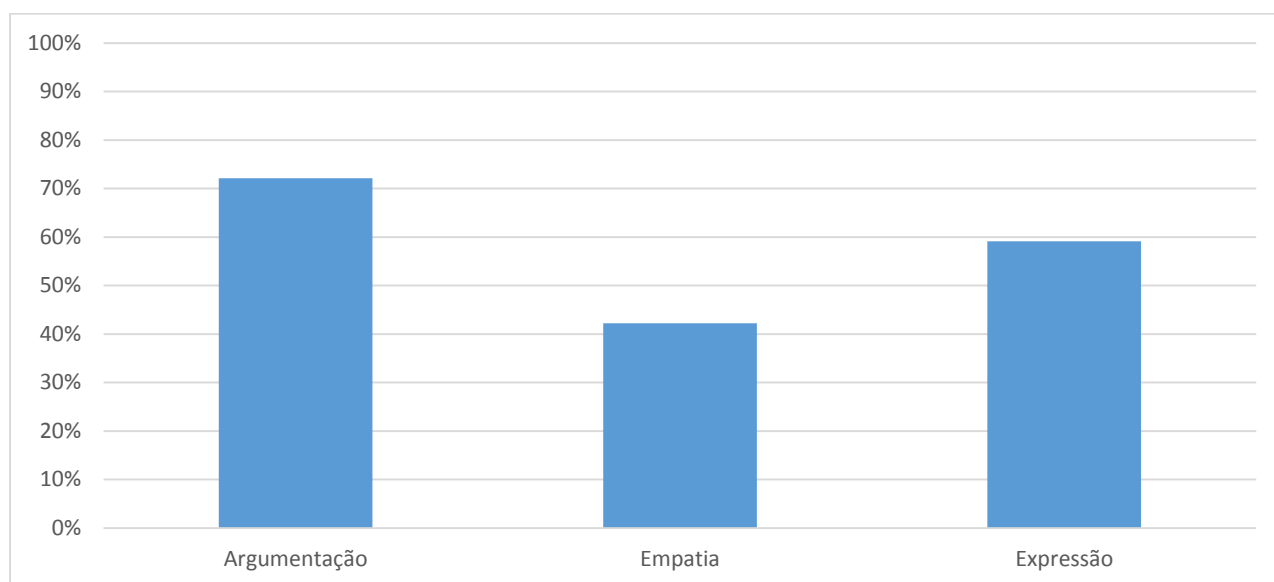


Figura 7: Porcentagem média das categorias de de Argumentação, Empatia, Expressão da participante A.

A figura 7 mostra nas atividades estruturadas, a habilidade que obteve maior porcentagem de respostas por oportunidade foi a de Argumentação. Em seguida, ficou a categoria de Expressão e mais abaixo, a categoria de Empatia, que obteve uma porcentagem de 42%.

Em seguida serão analisadas as porcentagens obtidas por cada uma das respostas das categorias de habilidade:

3.2.2.1. Argumentação

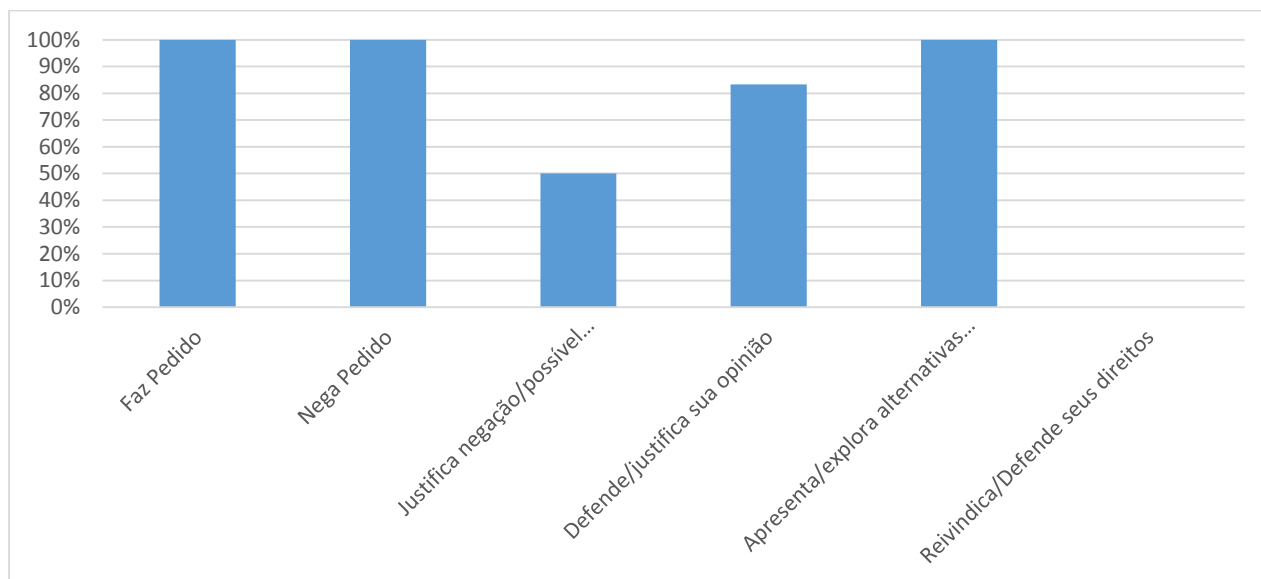


Figura 8: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de argumentação da participante A.: faz pedido; nega pedido; justifica negação/possível negação do pedido; defende/justifica opinião; apresenta/explore alternativas de solução de um problema; reivindica/defende seus direitos

Observa-se no gráfico que da Categoria de Argumentação, 6 respostas tiveram oportunidades de ocorrer durante as atividades. Deste total, 4 respostas foram emitidas em mais de 80% das oportunidades.

As respostas de Fazer Pedido, Negar Pedido e Apresentar/explorar alternativa de solução do problema foram emitidas em 100% das oportunidades, o que sugere a existência desses repertórios.

Deve-se levar em consideração que houve apenas uma oportunidade de ocorrência da resposta de *Fazer Pedido* e na interação da atividade seu pedido foi acatado imediatamente, o que excluiu incidentalmente a oportunidade de ocorrência das respostas de *Justificar Pedido*, *Insistir no Pedido* e *Pedir justificativa diante da recusa a um pedido seu*, habilidades, que como dito anteriormente, podem aumentar a chance de sucesso numa negociação.

Das respostas que apareceram no gráfico, a de *Defender/Justificar opinião* foi a que teve mais oportunidades de ocorrência e destas, 80% obtiveram respostas, indicando que a participante possui este repertório, que por fundamentar as opiniões expressas mostra-se uma resposta importante.

Observando o gráfico acima, chama atenção a ausência da resposta de *Reivindicar/Defender seus direitos*, que por estar relacionada a assertividade indica necessidade de desenvolvimento.

As categorias de *Pedir sugestão* e *Pedir mudança de comportamento* não ocorreram em nenhuma das atividades, no entanto, deve-se considerar que não houveram oportunidades claras para

tais ocorrências. A resposta de *Pedir Justificativa diante de um pedido feito a ele* não mostrou-se necessária nestas atividades específicas, optando-se por excluí-la do gráfico.

Nota-se que muitas das respostas desta categoria não tiveram a oportunidade de serem avaliadas, entretanto, as que puderam ser observadas mostraram estar presentes no repertório da participante.

3.2.2.2. Empatia

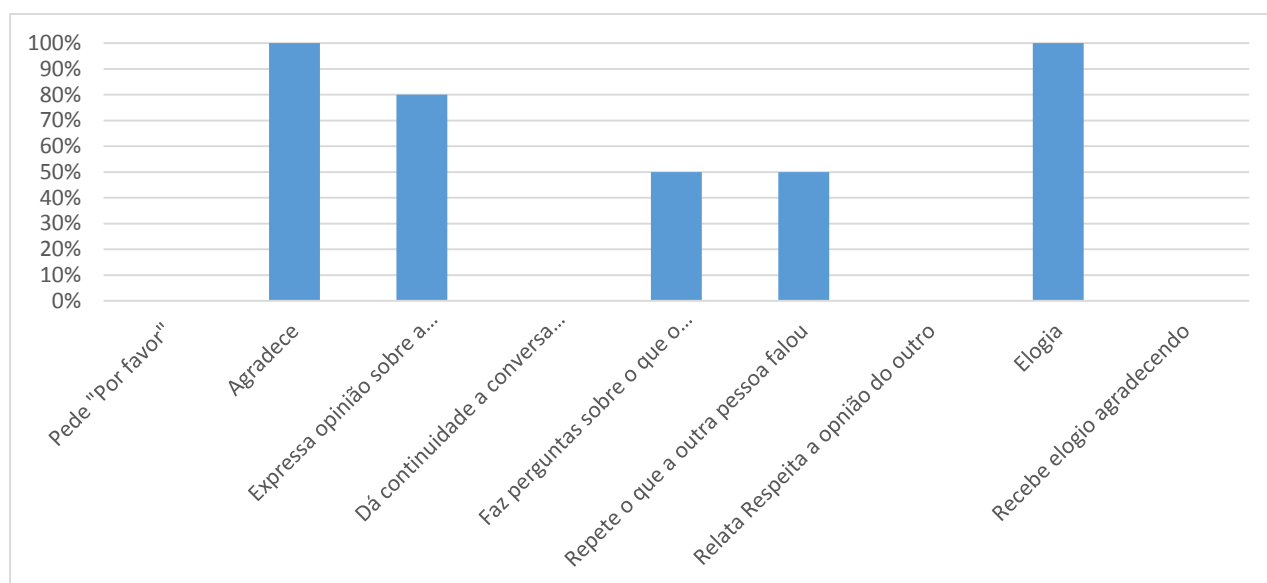


Figura 9: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de empatia da participante A.: pede “por favor”, agradece, expressa opinião sobre a experiência do outro, dá continuidade à conversa acrescentando novas informações, faz perguntas sobre o que o outro acabou de dizer/sobre o outro, repete o que a outra pessoa falou, elogia, recebe elogio agradecendo

O Gráfico acima mostra que a participante A. obteve resultados variados na categoria de habilidade de Empatia, tendo obtido porcentagem de 100% em 2 respostas, 0% em 4 respostas e 3 respostas com porcentagem entre 50% e 80%.

Destacam-se as duas respostas relacionadas a agradecimento, cuja participante apresentou resultados opostos. A resposta *Recebe elogio agradecendo* deixou de ser emitida na oportunidade apresentada, já a resposta *Agradece* foi emitida em 100% das oportunidades. Esta diferença entre as respostas chama atenção e seria interessante que houvesse uma investigação se esta resposta deixa de ser emitida porque algo impede esta emissão, ou se esta resposta deixa de ocorrer porque a participante não identifica esta como uma situação em que é necessário agradecer.

A resposta de Fazer elogio foi emitida nas 3 oportunidades apresentadas e foi possível observar que todas as vezes que a participante emitiu esta resposta ela a justificou indicando que A. possui este repertório desenvolvido.

Segundo os registros houveram duas oportunidades para a participante emitir a resposta de *Repetir o que a outra pessoa falou*. Em uma das oportunidades a participante o fez de modo bastante satisfatório, no entanto, na outra oportunidade, a participante não conseguiu repetir nada do que a outra pessoa havia acabado de dizer para ela, o que chama bastante atenção, pois em uma interação social, saber o que as outras pessoas estão dizendo é importante, pois somente através desse conteúdo que é possível dar continuidade a uma conversa, expressar opinião sobre o que a outra pessoa falou, etc. A emissão dessa resposta em 50% das oportunidades pode ser um problema para esta participante.

As respostas de *Pedir por favor*, *Dar continuidade a conversa acrescentando informações*, *Relatar respeitar a opinião do outro*, não foram emitidas nas oportunidades claras e incidentais.

Observa-se, portanto, que o repertório da habilidade de empatia da participante deve ser desenvolvido e ampliado.

3.2.2.3. Expressão

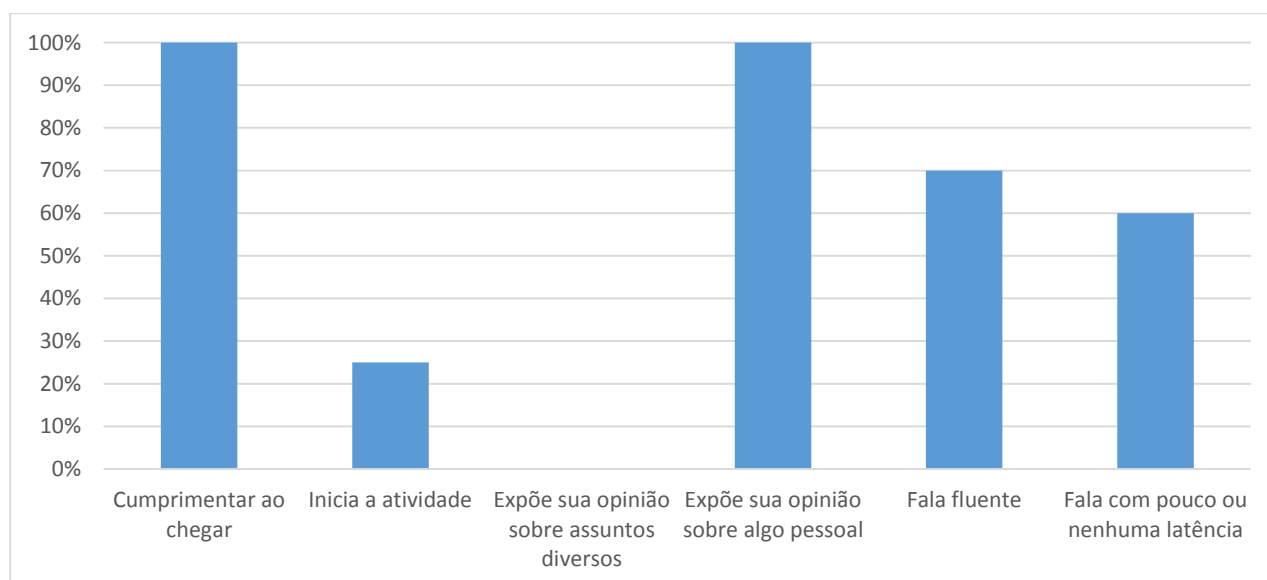


Figura 10: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de expressão da participante A.: cumprimenta ao chegar, inicia a atividade, expõe opinião sobre assuntos diversos, expõe opinião sobre algo pessoal, fala fluente, fala com pouca ou nenhuma latência

Os dados do gráfico mostram que a participante A. obteve resultados variados na categoria da habilidade de expressão, tendo 2 respostas obtido porcentagem de 100%, 2 com porcentagem entre 60% e 70% e 2 ficaram com menos de 25%.

A resposta de *cumprimentar ao chegar* foi emitida em todas as oportunidades, apontando que a participante possui este repertório.

É interessante notar que a participante emitiu a resposta de *expor sua opinião sobre algo pessoal* em todas as oportunidades, por outro lado, na oportunidade de *expor a opinião sobre*

assuntos diversos, esta resposta não foi emitida. Isto pode indicar que para a participante, expressar opinião sobre algo pessoal, que é de seu conhecimento, é mais fácil do que expor opinião sobre assuntos diversos, que talvez ela não conheça tanto.

Destacam-se as categorias de resposta relacionadas a fala. No total de oportunidades, a participante falou fluente em 70% delas e apresentou pouca ou nenhuma latência em 60%, o que merece atenção, pois esta categoria de resposta está presente em toda e qualquer interação social, e a dificuldade nesta área pode ser bastante problemática para o indivíduo. É importante ressaltar aqui que no decorrer das atividades, chamou atenção o fato de que quando a participante mostrava-se nervosa, seu tom de voz aumentava consideravelmente e ela passava a emitir falas como “*Ai meu Deus, Nossa, etc*” num número muito grande de vezes (vide item de comportamentos inadequados). Além disso, aconteceram algumas vezes da fala ocorrer de forma truncada, repetitiva e com dúvidas, o que, muitas vezes, torna sua expressão inadequada.

Sobre as respostas cujas oportunidades não são visíveis para o observador, é importante dizer que no decorrer das atividades, a participante emitiu apenas 1 vez a resposta de *expressar sentimento positivo* e não apresentou nenhuma resposta de *expressar sentimento negativo*, *expressar agrado à situação* e *expressar desagrado à situação*, podendo sugerir alguma dificuldade de emissão dessas respostas, no entanto, isto não pode ser afirmado, pois pode ser que a participante não tenha tido tal necessidade.

A participante iniciou as atividades em apenas 25% das oportunidades, sugerindo certa dificuldade em tomar esta iniciativa.

No decorrer das atividades, a participante emitiu a resposta de *Tirar Dúvida/Pedir esclarecimento* 2 vezes, o que indica a presença deste repertório.

Observa-se que o repertório da habilidade de empatia da participante deve ser desenvolvido e ampliado.

3.2.2.4. Comportamentos não verbais

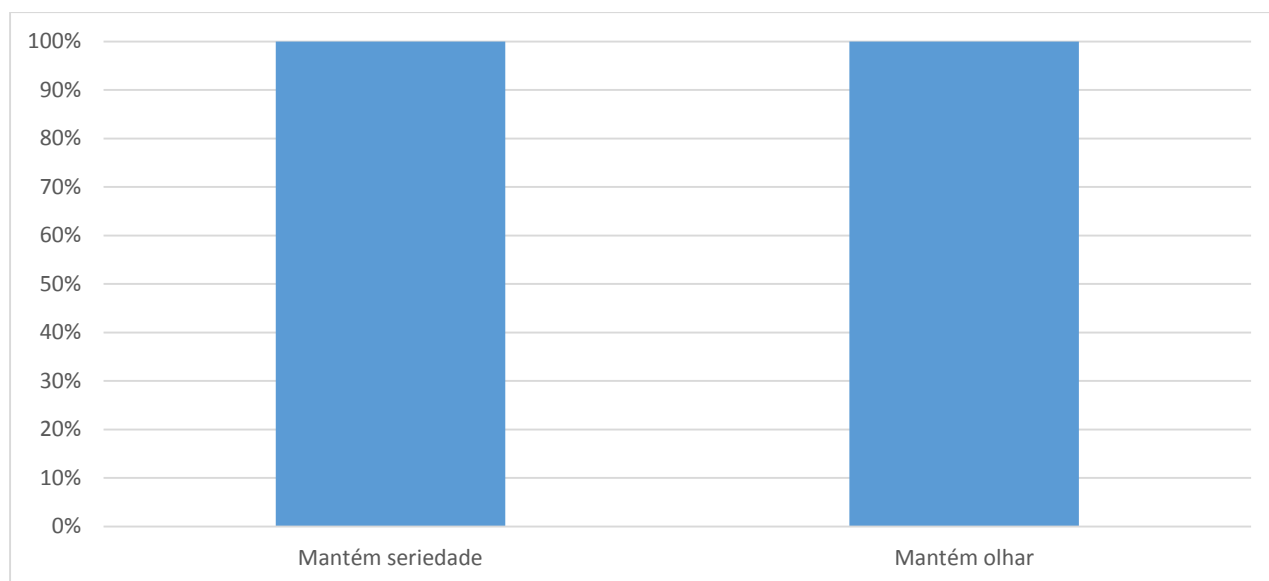


Figura 11: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade dos comportamentos não verbais da participante A.: mantém sua fala e mantém olhar

Como mostram os resultados, a participante A. manteve o olhar e a seriedade no decorrer de todas as atividades.

3.2.2.5. Comportamentos inadequados

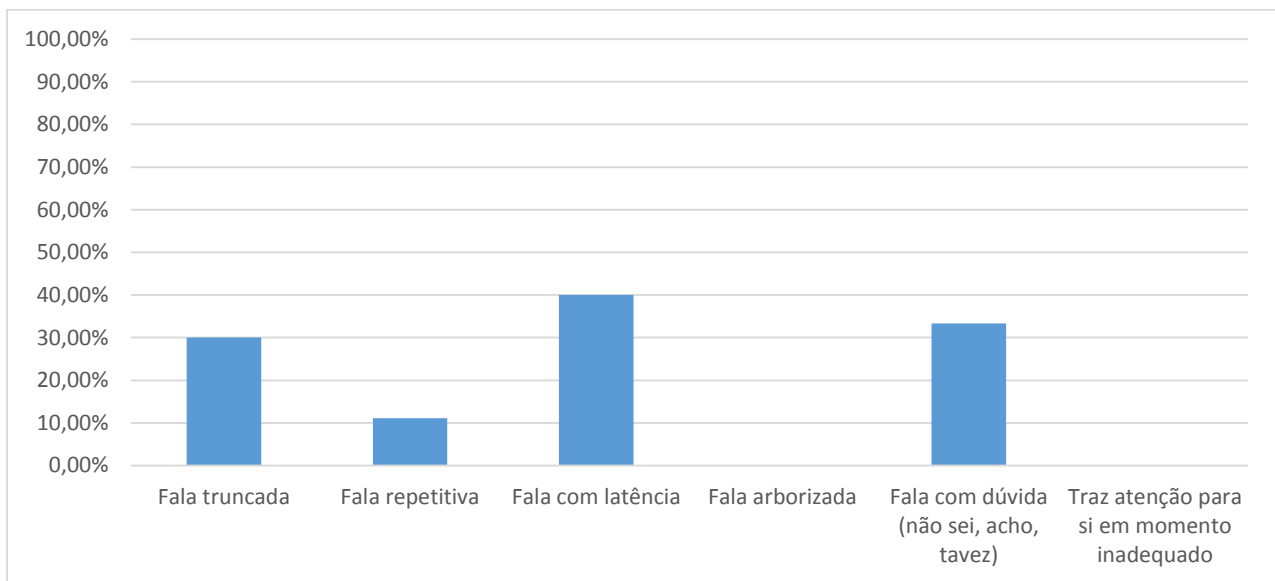


Figura 12: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade dos comportamentos inadequados da participante A.: fala truncada, fala repetitiva, fala com latência, fala arborizada, fala com dúvida (não sei, acho, talvez), traz atenção para si em momento inadequado

Como dito anteriormente, os comportamentos inadequados da participante A. estão relacionados principalmente com a topografia da fala e como mostra o gráfico, estes comportamentos inadequados apresentam uma porcentagem de ocorrência alta, o que prejudica bastante sua expressão.

Outra resposta, que chamou atenção pelo número de vezes que ocorreu foi a de falar alto “*Nossa, Meu Deus, etc*” que foi emitida 9 vezes no decorrer das atividades.

Ressalta-se que o fato das respostas terem ocorrido durante as atividades, não garante que tais respostas ocorram em seus ambientes naturais.

3.2.3. Participante 3

Nas avaliações estruturadas, o participante F. obteve nas categorias de habilidades as seguintes porcentagens médias:

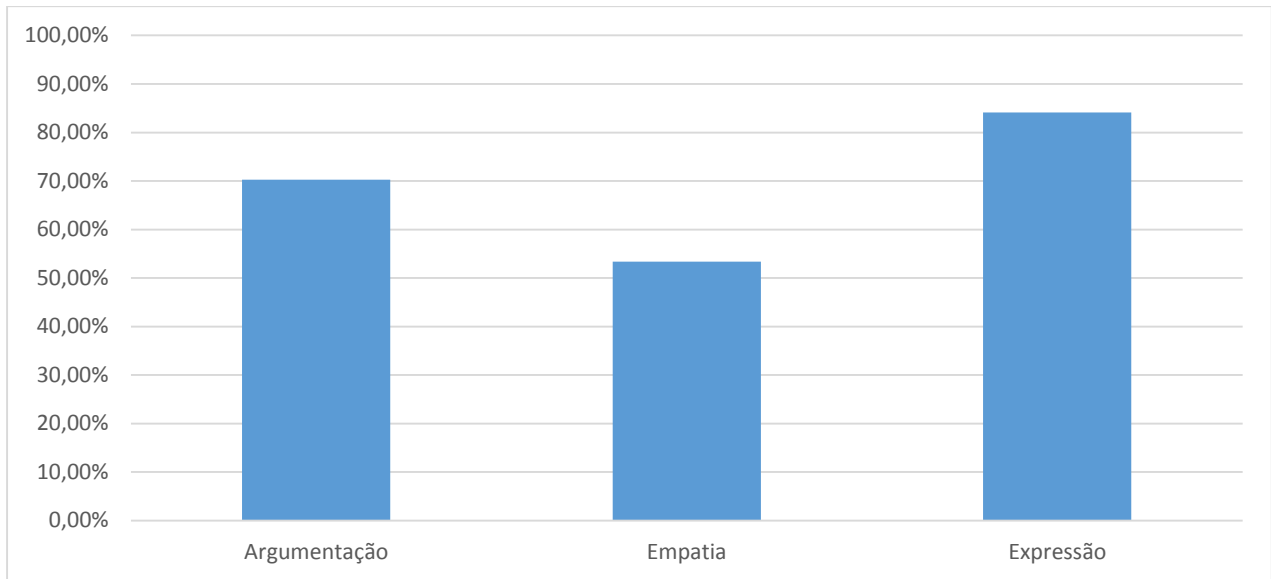


Figura 13: Porcentagem média das categorias de de Argumentação, Empatia, Expressão da participante F.

Obsevando o gráfico acima é possível dizer todas as categorias de habilidade ficaram acima de 50% e a habilidade de expressão foi a categoria que apresentou a maior porcentagem de emissão de resposta por oportunidade.

Em seguida serão analisados os resultados obtidos em cada uma das categorias de habilidades sociais:

3.2.3.1. Argumentação

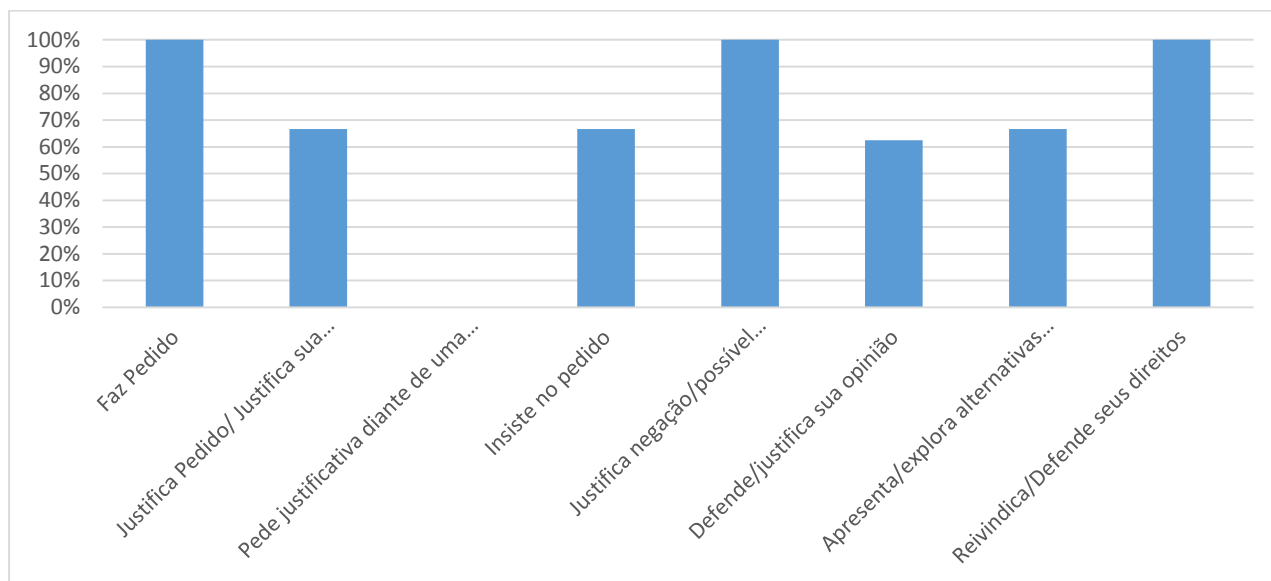


Figura 14: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de argumentação da participante F.: faz pedido; justifica pedido/importância do pedido; pede justificativa diante de uma recusa a um pedido; seu justifica negação/possível negação do pedido; defende/justifica opinião; apresenta/explora alternativas de solução de um problema; reivindica/defende seus direitos

A Figura 14 mostra que, com exceção da categoria de resposta de *Pedir Justificativa diante da recusa de um pedido*, todas as outras, obtiveram resultado superior a 60%. As respostas de *Fazer Pedido*, *Justificar negação/ possível negação do pedido*, e *reivindicar/ defender seus direitos* foram emitidas em todas as oportunidades.

Destaca-se a resposta de *Pedir justificativa diante da recusa de um pedido* que não foi emitida em nenhuma das duas oportunidades apresentadas. Esta categoria, no entanto, mostra-se bastante importante para uma situação de negociação, pois Pedir Justificativa diante da recusa a um pedido auxilia na formulação de contra argumentos durante a negociação. Além disso, a justificativa pode dar dicas para se elaborar uma alternativa de solução do problema.

O participante emitiu as resposta de *Justificar pedido*, *Insistir* e *Apresentar/Explorar alternativas de solução de um problema* foram emitidas em cerca de 70% das oportunidades. Visto que estas respostas podem aumentar a chance de se obter sucesso no pedido, seria interessante que aumentassem o número de emissões destas respostas.

A cada opinião expressada pelo participante no decorrer das atividade, tornava a oportunidade para a emissão da resposta de *Defender/Justificar opinião* clara. Pelo gráfico, percebe-se que esta resposta foi emitida em 63% das opiniões expressas, o que pela sua importância poderia ser desenvolvida, pois a justificativa fundamenta a opinião expressa.

A resposta de *Negar Pedido* não ocorreu em nenhum momento, pois na única oportunidade de ocorrer o participante optou por apresentar alternativa de solução do problema, que no contexto da atividade era um comportamento bastante importante.

Durante a atividade, foi emitida uma vez a resposta de Pedir mudança de comportamento.

Observando os dados acima, é possível dizer que o participante possui um repertório de habilidade de argumentação variado, entretanto, seria interessante que aumentasse a probabilidade de emissão de algumas das respostas.

3.2.3.2. Empatia

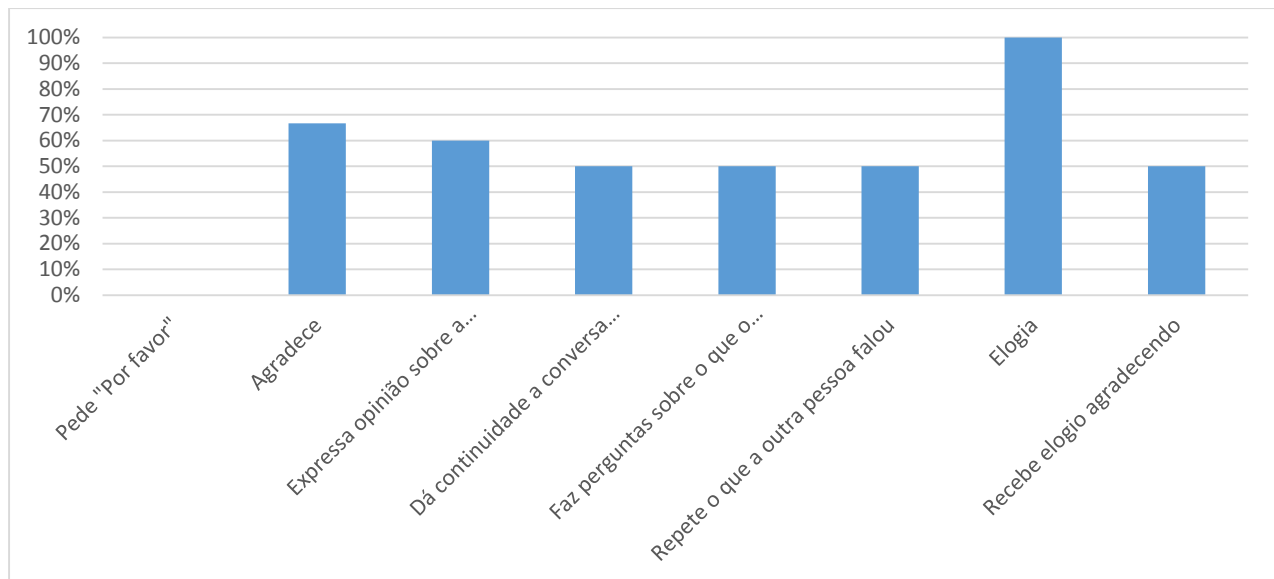


Figura 15: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de empatia da participante F.: pede “por favor”, agradece, expressa opinião sobre a experiência do outro, dá continuidade à conversa acrescentando novas informações, faz perguntas sobre o que o outro acabou de dizer/sobre o outro, repete o que a outra pessoa falou, elogia, recebe elogio agradecendo

Os resultados mostram que com exceção de uma resposta, todas foram emitidas em mais de 50% das oportunidades.

Observando o gráfico, chama atenção a ausência de emissão da resposta de *pedir por favor*, que por ser uma resposta verbal autoclítica mostra-se bastante importante, pois altera a eficácia de outro operante verbal.

As categorias de resposta de *Repetir o que a outra pessoa falou*, *Dar continuidade a conversa* e *Fazer perguntas sobre o que o outro participante falou* foram emitidas em metade das oportunidades, no entanto, nas atividades em que elas ocorreram a frequência de resposta mostrou-se alta, dando indícios de que o participante tem um bom repertório para realizá-la, o que por algum motivo deixou de ocorrer em algumas atividades.

As respostas de *Agradecer* e *Agradecer a elogios* obtiveram porcentagens semelhantes. Ambas foram emitidas em mais de 50% das oportunidades.

A resposta de elogiar foi emitida na sua única oportunidade de ocorrência, mas deve-se ressaltar, que nesta atividade o participante começou criticando a colega que deveria receber o elogio. A resposta de *Expressar crítica* foi emitida 4 vezes no decorrer das atividades e esta resposta foi registrada como comportamento inadequado, pois ocorreu com uma alta frequência e em momentos inadequados, o que prejudica sua habilidade de empatia.

A resposta *Relata respeitar a opinião do outro* não foi emitida em nenhuma atividade. Isto pode ser atribuído a uma ausência de oportunidade clara, mas também pode ser indicativo da ausência deste repertório. Se o caso for este, requer atenção, pois esta é uma habilidade que, por levar em consideração a opinião do outro, pode aumentar a receptividade do ouvinte.

Analisando as observações, é possível dizer que o participante possui o repertório da habilidade de empatia variado, no entanto, seria interessante que aumentasse a frequência de algumas respostas e diminuísse alguns excessos comportamentais que estão prejudicando esta habilidade.

3.2.3.3. Expressão

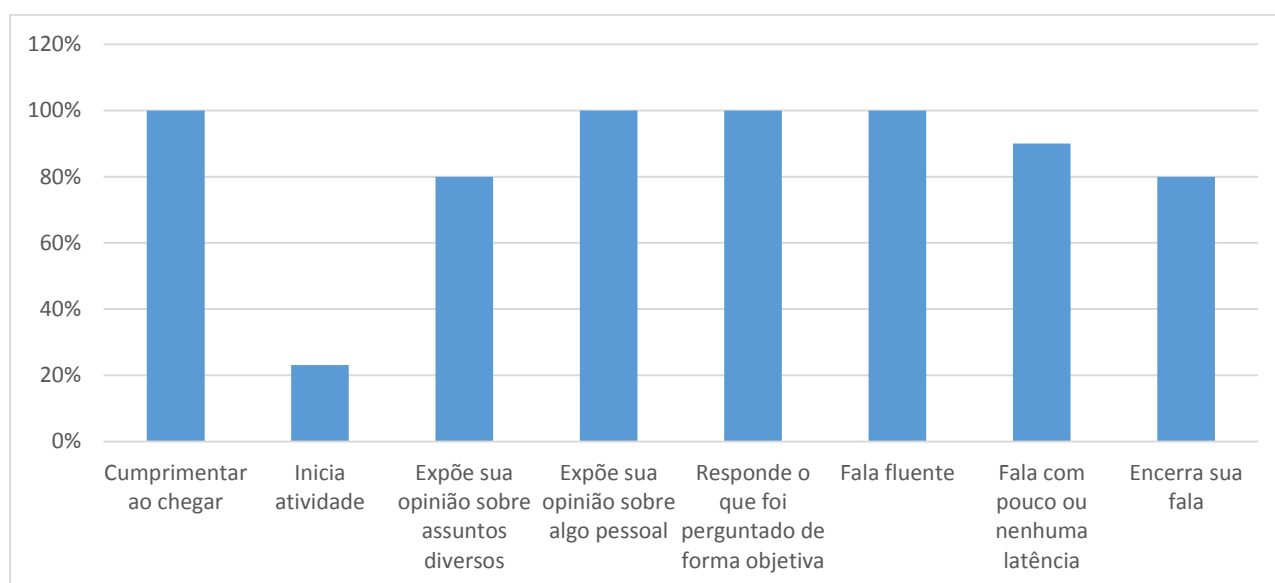


Figura 16: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade das habilidades de expressão da participante F.: cumprimenta ao chegar, inicia a atividade, expõe opinião sobre assuntos diversos, expõe opinião sobre algo pessoal, responde o que foi perguntado de forma objetiva, fala fluente, fala com pouca ou nenhuma latência, encerra sua fala

Observa-se na Figura 16 que a maioria das respostas de expressão foram emitidas em mais de 80% das oportunidades.

No decorrer de todas as atividades o participante falou de forma clara, fluente e objetiva, não se desviando do assunto principal. Além disso, de todas as suas falas, 90% foram iniciadas com pouca ou nenhuma latência e como mostra o gráfico, 80% delas foram encerradas de forma clara.

A resposta de *cumprimentar ao chegar* foi emitida em todas as oportunidades, e a resposta de *Pedir esclarecimento* foi emitida 5 vezes no decorrer das atividades, indicando que participante possui esses repertórios.

Destaca-se a categoria de resposta de *Iniciar atividade* que foi emitida em um pouco mais de 20% das oportunidades apresentadas, indicando que esta talvez seja uma dificuldade.

Sobre as respostas cujas oportunidades não são visíveis para o observador, é importante dizer que no decorrer das atividades, o participante emitiu 1 resposta de *expressar sentimento positivo*, 1 resposta de *expressar sentimento negativo*, 1 resposta de *expressar agrado à situação* e nenhuma respostas de *expressar desagrado à situação*. Estes dados mostram que o participante possui repertório de expressar sentimento positivo/negativo e agrado a situação, no entanto, sobre a expressão de desagrado a situação não é possível dizer se a ausência dessa resposta significa ausência desse repertório ou se durante as atividades não houve a necessidade de sua emissão.

Analisando as observações acima é possível dizer que o participante possui um repertório de Expressão variado e que na maioria das oportunidades o participante emitiu respostas.

3.2.3.4. Comportamentos não verbais

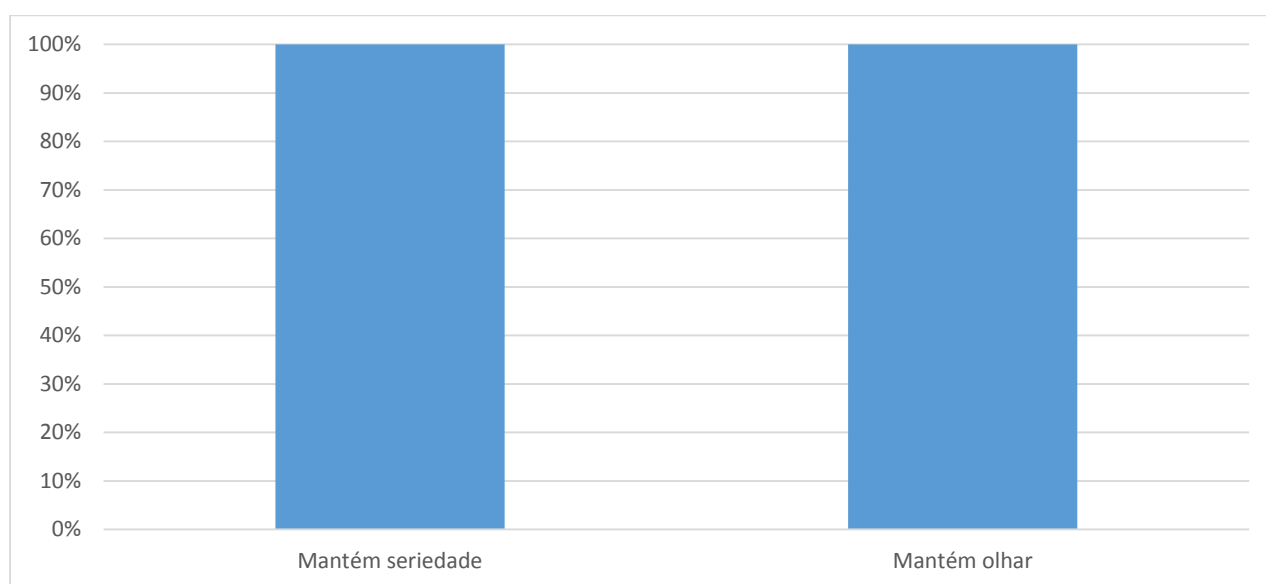


Figura 17: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade dos comportamentos não verbais da participante F.: mantém sua fala e mantém olhar

Como mostra o gráfico, o participante F. manteve o olhar e a seriedade no decorrer de todas as atividades.

3.2.3.5. Comportamentos Inadequados

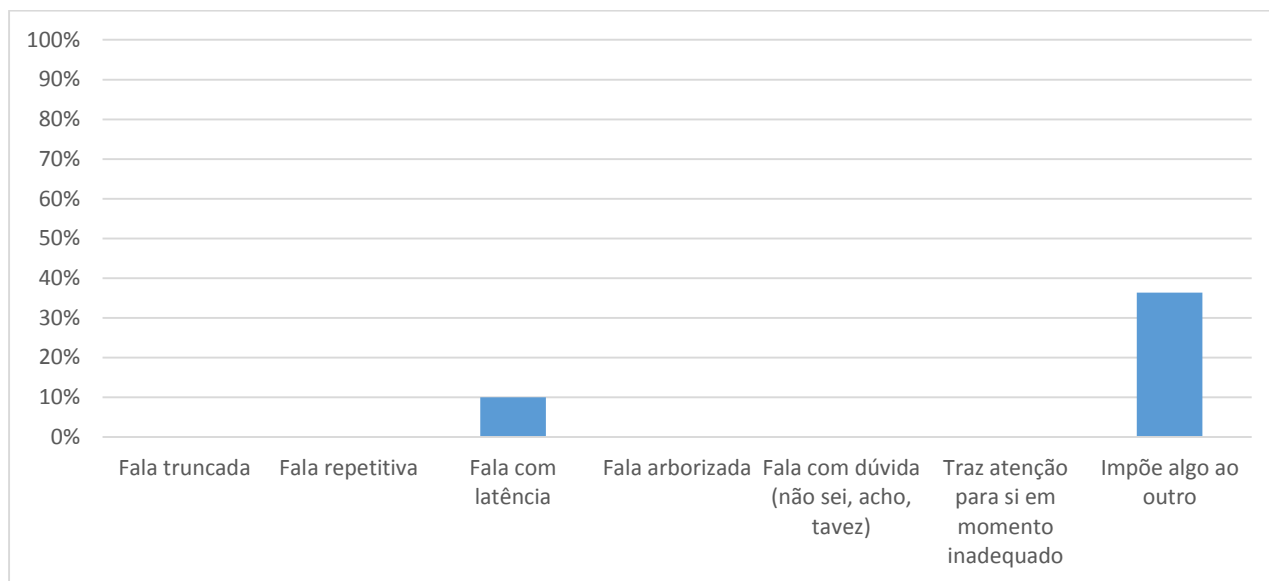


Figura 18: Porcentagem de ocorrência de respostas por oportunidade dos comportamentos inadequados da participante F.: fala truncada, fala repetitiva, fala com latência, fala arborizada, fala com dúvida (não sei, acho, talvez), traz atenção para si em momento inadequado, impõe algo ao outro

O gráfico acima mostra que o único comportamento inadequado relacionado a fala que o participante emitiu foi iniciá-la com latência em 10% das oportunidades apresentadas.

Outro comportamento que chama atenção é o de *Impor algo ao outro*, que ocorreu quando alguém tinha de iniciar as atividades e o participante impunha isto ao colega no lugar de convidá-lo de uma forma mais adequada.

Observou-se também que F. emitiu 4 respostas de *Expressar crítica*, e todas estas respostas ocorreram nas atividades em que o participante foi instruído a expressar opinião sobre a experiência do outro, contar o que sabe sobre a história do colega e fazer um elogio a ele e dar sua opinião sobre a atuação dos participantes na atividade, mostrando que talvez exista uma dificuldade por parte do participante em emitir respostas de elogio e de falar dos aspectos positivos das pessoas.

As respostas de impor algo ao outro e de expressar críticas podem ser vistas como agressivas, prejudicando, principalmente sua habilidade de empatia. Este dado combina com o inventário que sugere uma dificuldade no autocontrole da agressividade.

É importante ressaltar que o fato das respostas avaliadas terem ocorrido durante as atividades estruturadas, não garantem que tais respostas ocorram em seus ambientes naturais.

3.3. Comparação entre os resultados obtidos no Inventário e nas avaliações estruturadas

Um dos interesses deste trabalho foi avaliar a correlação entre os resultados obtidos nas duas avaliações de habilidades sociais realizadas, levando em consideração que uma delas foi realizada por meio do relato verbal dos participantes acerca de seu desempenho social e que a outra foi realizada por meio da observação direta dos participantes em interações estruturadas. As comparações serão feitas por Resultado Geral, que compreende o desempenho dos participantes nas duas avaliações como um todo, por categorias de habilidades, pela qual comparará a ordem crescente dos resultados de maestria dos participantes das habilidades avaliadas e por respostas que aparecem de forma semelhante nas duas avaliações. Estas comparações serão apresentadas a seguir:

3.3.1. Qualificação do desempenho segundo as diferentes formas de avaliação

Abaixo será apresentada a comparação entre a qualificação do desempenho dos participantes segundo as diferentes formas de avaliação. Para que tal comparação fosse possível levou-se em consideração os seguintes fatores:

O inventário (IHS-Del Prette) qualifica o desempenho dos participantes baseado na posição percentil do Escore Total em relação ao grupo de referência amostral. Segundo sua tabela de interpretação, percentil igual a 50% significa que o repertório social do indivíduo situa-se na mesma posição de metade da população de seu grupo, indicando um bom repertório se comparado a população. Percentil de 55% a 75% indicam um repertório acima da média da população e, portanto, um repertório muito bom. De 80% a 100% é considerado um repertório bastante elaborado. Por outro lado, percentil entre 25% e 45% é considerado um repertório abaixo da média, e portanto, fraco se comparado com a média da população. Percentil entre 0% e 20% foi considerado que os déficits de habilidade pode ser fonte de problema para o indivíduo.

As atividades estruturadas foram avaliadas pela porcentagem de respostas emitidas nas oportunidades criadas. Pela ausência de uma medida da população, optou-se por dividir uma escala de qualificação em cinco partes, como no inventário, divididas por porcentagem de oportunidades de respostas que poderiam ser emitidas no decorrer de todas as oportunidades. Dessa forma, foi considerado um repertório ruim a Porcentagem Média das Categorias de Habilidade entre 0% e 20%, pois esta média significaria que de todas as oportunidades de respostas de todas as atividades, a participante emitiu uma média de apenas 20% das respostas; Porcentagem Média das Categorias de Resposta entre 21% e 40%, foram consideradas como Repertório Fraco; de 41% a 60%, foi considerado Repertório Bom; de 61% a 80%, repertório Muito bom e de 81% a 100% Repertório Ótimo.

Participante 1: C.

	Ruim	Fraco	Bom	Muito Bom	Ótimo
Inventário IHS	X				
Atividades Estruturadas				X	

Tabela 4: Qualificação do desempenho segundo o escore total do inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e a partir das atividades estruturadas

Observando a tabela é possível dizer que os resultados obtidos entre as duas avaliações foram discrepantes. Segundo a avaliação do Inventário, a participante C. possui um repertório de habilidades sociais ruim, sendo apontado inclusive como fonte de problema para o indivíduo. Por outro lado, nas atividades estruturadas a participante apresentou um repertório muito bom, pois emitiu uma média de 73% das respostas esperadas.

Analisando os resultados duas possibilidades se mostram, uma de que o relato verbal da participante está correto e, portanto, seu tato seria preciso, outra de que seu relato verbal está incorreto e, portanto, poderia haver uma incapacidade de tatear seu próprio comportamento.

Caso o tato tenha sido preciso, pode ser indicação de que apesar da participante possuir um repertório de habilidades muito bom, este não ocorre nas situações naturais, o que seria necessário entender o que impede a emissão destes comportamentos em seu contexto.

Outro fator que poderia interferir na emissão desses comportamentos nas atividades estruturadas e na ausência destas mesmas respostas nas situações naturais, seria o fato de que nas atividades estruturadas as instruções tornam as oportunidades de ocorrência destas respostas mais claras e em seu contexto estas “instruções” não são tão claras ou não ocorram. Neste caso, estaríamos falando de um repertório sob controle de regras, que falha ao ter que ocorrer sob controle de contingências.

Participante 2: A.

	Ruim	Fraco	Bom	Muito Bom	Ótimo
Inventário IHS	X				
Atividades Estruturadas			X		

Tabela 5: Qualificação do desempenho segundo o escore total do inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e a partir das atividades estruturadas

Observando a tabela acima é possível dizer que os resultados obtidos pela participante A. nas duas avaliações foram divergentes. Segundo a avaliação do Inventário, a participante A. possui um repertório de habilidades sociais ruim, sendo apontado como fonte de problema para o indivíduo. Por outro lado, nas atividades estruturadas a participante apresentou um repertório bom, pois emitiu uma média de 57% das respostas esperadas.

Como dito anteriormente, os resultados apontam duas possibilidades, uma de que o relato verbal da participante está correto e, portanto, seu tato seria preciso. Neste caso, os resultados das avaliações estruturadas indicariam que a participante possui um repertório de habilidades sociais bom, mas nas situações naturais da participante, estes deixam de ocorrer. O segundo passo neste sentido, seria o de procurar entender o que no seu contexto impede a emissão destes comportamentos. Uma outra possibilidade é a de que seu relato verbal está incorreto e, portanto, poderia haver uma incapacidade de tatear seu próprio comportamento.

Outro fator que poderia interferir na emissão desses comportamentos nas atividades estruturadas e na ausência destas mesmas respostas nas situações naturais, seria fato de que nas atividades estruturadas as instruções tornam as oportunidades de ocorrência destas respostas mais claras e em seu contexto estas “instruções” não são tão claras ou não ocorrem. Neste caso, estaríamos falando de um repertório sob controle de regras, que falha ao ter que ocorrer sob controle de contingências.

No caso desta participante em especial, pôde-se observar que durante as atividades estruturadas houve um melhor desempenho das habilidades sociais. Talvez que se tratar de atividades planejadas, com instruções bastante claras e por ser um ambiente mais protegido, cujo contexto permite maiores tentativas, erros, etc.

Participante 3: F.

	Ruim (1-25)	Regular (30-45)	Bom (50)	Muito Bom (55-70)	Excelente (75-100)
Inventário IHS					X
Atividades Estruturadas				X	

Tabela 6: Qualificação do desempenho segundo o escore total do inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e a partir das atividades estruturadas

Observando a tabela é possível dizer que os resultados obtidos pelo participante F. nas duas avaliações foram mais próximos, se comparado as outras participantes. Segundo a avaliação do Inventário, o participante F. possui um repertório de habilidades sociais bastante elaborado o que combina com o bom desempenho do participante nas avaliações estruturadas.

No entanto, deve-se ter cuidado ao afirmar que seu relato corresponde de fato com seu desempenho no ambiente natural, pois não deve-se descartar a possibilidade do participante ter feito um relato incorreto para o inventário. Por outro lado, se seu relato for realmente preciso é possível dizer que há uma generalização de seus comportamentos sociais em diferentes contextos.

3.3.2. Comparação Detalhada

Os dois instrumentos de pesquisa avaliaram as habilidades sociais através de situações de interação social. O inventário apresentou a descrição de diversas situações e por meio do relato verbal, o participante estimou o número de vezes em que agiu da forma descrita. Nas avaliações estruturadas as situações eram criadas e avaliava-se, por meio da observação direta como os participantes agiam nestas situações, ou seja, que respostas eram emitidas e quais deixavam de emitir nestas situações. Observou-se que algumas das situações criadas foram bastante semelhantes com as situações descritas pelo inventário e pareceu interessante comparar estes resultados particulares. A seguir serão apresentadas estas comparações.

Item 3 do Inventário. Ao ser elogiado(a) sinceramente por alguém, respondo-lhe agradecendo.

	Inventário IHS	Avaliações Estruturadas
Participante C.	90% - 100%	66,66%
Participante A.	70% - 80%	0%
Participante F.	90% - 100%	50%

Tabela 7: Porcentagem de ocorrência de respostas emitidas em 10 situações semelhantes a descrita, segundo o inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e porcentagem de ocorrência de respostas segundo oportunidades criadas pelas avaliações estruturadas em atividades semelhantes a descrita

Observa-se na tabela acima que os resultados obtidos nas duas formas de avaliação foram bastante divergentes. Os três participantes relataram agradecer a elogios mais vezes do que pôde ser observado nas oportunidades que surgiram no decorrer das atividades estruturadas.

Diferente dos resultados obtidos na comparação de qualificação do desempenho ao qual pode-se perceber que os valores atribuídos ao desempenho social por meio do relato verbal foram mais baixos do que os observados nas avaliações estruturadas, neste item específico, as participantes atribuíram melhor desempenho do que o observado na sessão, o que chama atenção. Uma hipótese para isso estaria relacionada com a própria descrição da situação no inventário, cujo teor está relacionado com regra de educação, de que quando se é elogiado, seria educado agradecer e, portanto, os participantes poderiam ter ficado sob controle da regra ao responder o inventário e na contingência em si este comportamento deixou de ocorrer, ou por não identificar a situação que ocorreu como situação para agradecer ou algo impediu que a resposta fosse emitida.

Ou ainda, como dito anteriormente, o relato verbal a respeito deste comportamento pode ter sido incorreto por uma incapacidade de tatear seus próprios comportamentos.

Item 13 do inventário. Em meu trabalho ou em minha escola, se alguém me faz um elogio, fico encabulado(a) sem saber o que dizer. (Ausência de resposta)

	Inventário IHS	Avaliações Estruturadas
Participante C.	90% - 100%	44,44%
Participante A.	0% - 2%	100%
Participante F.	30% - 40%	50%

Tabela 8: Porcentagem de ocorrência de respostas emitidas em 10 situações semelhantes a descrita, segundo o inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e porcentagem de ocorrência de respostas segundo oportunidades criadas pelas avaliações estruturadas em atividades semelhantes a descrita

Neste item, o ficar encabulado sem saber o que dizer não é passível de observação. Neste caso, poderia ser observado que quando o participante recebeu um elogio ele deixou de emitir qualquer resposta verbal. Neste sentido, optou-se por comparar a porcentagem obtida pelo inventário e a porcentagem de respostas de agradecimento ao receber um elogio que deixaram de ser emitidas.

Nota-se que as porcentagens obtidas pelo participante F. foram semelhantes, o que poderia indicar precisão do relato. Já os resultados obtidos pelas outras participantes foram bastante divergentes, principalmente no caso da participante A., que relata *nunca ou raramente* ficar encabulada sem saber o que dizer em situações que lhe fazem elogio.

Nas atividades estruturadas foi possível perceber que ao receber elogio, a participante não emitiu nenhuma resposta, o que contradiz o resultado do inventário. Entretanto, não se pode afirmar que o relato dado ao inventário esteja errado, pois não se tem a observação direta desse comportamento em situações naturais.

Chama atenção também a comparação dos resultados obtidos pelo inventário nos itens 3 (tabela 7) e 13 (tabela 8). A participa C. relatou no item 3 que ao ser elogiada sinceramente por alguém, responde agradecendo *sempre ou quase sempre*. Já no item 13 a mesma participante, relata *sempre ou quase sempre* ficar encabulada *sem saber o que dizer* quando alguém lhe faz um elogio.

O fato da participante dizer que recebe um elogio agradecendo em 100% das vezes torna estranho o relato de ficar encabulado sem saber o que dizer em 100% das vezes que recebe um elogio e vice-versa. Comparando ainda com o resultado das avaliações estruturadas, na qual pôde-se observar que a participante emitiu a resposta de agradecer elogio em 66,66% das, faz levantar a possibilidade de que pode haver um problema na precisão do relato desses itens.

Item 14 do inventário. Faço exposição (por exemplo, palestras) em sala de aula ou no trabalho, quando sou indicado.

	Inventário IHS	Avaliações Estruturadas
Participante C.	0% - 20%	100%
Participante F.	90% - 100%	100%

Tabela 9: Porcentagem de ocorrência de respostas emitidas em 10 situações semelhantes a descrita, segundo o inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e porcentagem de ocorrência

de respostas segundo oportunidades criadas pelas avaliações estruturadas em atividades semelhantes a descrita

A tabela mostra que os resultados obtidos pelo participante F. nas duas avaliações foram semelhantes, o que combina com os resultados obtidos pela comparação entre a qualificação dos desempenhos obtidos nas duas avaliações que também foram semelhantes.

Por outro lado, nas avaliações da participante C. os resultados foram bastante diferentes. Deve-se ressaltar que apesar da participante relatar que, quando solicitada, *nunca ou raramente* faz exposição em sala de aula ou trabalho, mas na atividade em que foi dada a instrução de ler uma história e depois apresentar para seus colegas, ela o fez sem contestar ou reclamar e, ainda, sua fala se mostrou clara e fluída.

Apesar disso, se seu relato foi preciso, este pode ser um sinal de que a participante possui este repertório, mas como dito anteriormente, ele não ocorre nas situações naturais. E como em todos os outros casos, não descarta-se a possibilidade do relato ter sido impreciso.

Item 16 do inventário. Em um grupo de pessoas conhecidas, se não concordo com a maioria, expresso verbalmente minha discordância

	Inventário IHS	Avaliações Estruturadas
Participante A.	30% - 40%	100%

Tabela 10: Porcentagem de ocorrência de respostas emitidas em 10 situações semelhantes a descrita, segundo o inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e porcentagem de ocorrência de respostas segundo oportunidades criadas pelas avaliações estruturadas em atividades semelhantes a descrita

Observa-se que os resultados obtidos pela participante nesta comparação foram divergentes.

Para analisar esses resultados, deve-se levar em consideração que na atividade 4 das avaliações estruturadas, a participante foi instruída a expor sua opinião, o que pode ter favorecido a ocorrência da sua resposta. Apesar disso, a participante poderia ter se negado a participar ou ter feito de maneira insuficiente, no sentido de não emitir as respostas vistas como necessárias para expressar discordância. Não foi este o caso, visto que além de participar, A. emitiu respostas de *expressar opinião, defender/justificar opinião e apresentar alternativa de solução do problema*.

Neste sentido, é possível dizer que a participante possui repertório para tal comportamento, mas este pode não ser emitido em seu ambiente natural. Ou ainda, contrariando tal afirmação, há a possibilidade do relato ter sido impreciso e por isso a diferença nos resultados.

Item 29 do inventário. Na escola ou no trabalho, quando não compreendo uma explicação sobre algo que estou interessado(a), faço as perguntas que julgo necessário.

	Inventário IHS	Avaliações Estruturadas
Participante C.	0% - 20%	2 perguntas
Participante A.	30%-40%	2 perguntas
Participante F.	50% - 60%	5 perguntas

Tabela 11: Porcentagem de ocorrência de respostas emitidas em 10 situações semelhantes a descrita, segundo o inventário de habilidades sociais (IHS-Del Prette) e frequência de emissão da resposta de pedir esclarecimento durante as atividades estruturadas

A resposta de pedir esclarecimento não possui um estímulo discriminativo visível para o observador, pois não há como saber se a outra pessoa está em dúvida, a menos que essa pessoa faça uma pergunta. Neste sentido, não foi possível levantar o número de oportunidades de ocorrência desta resposta no decorrer das atividades. O que se fez foi registrar a frequência de emissão desta resposta, que pelo resultado nos mostra que os três participantes possuem este repertório, pois em mais de um momento eles emitiram essa resposta.

Por conta disso, não será possível fazer uma comparação direta entre os resultados, mas é interessante notar que o participante que no inventário relatou fazer mais perguntas que as colegas, nas avaliações estruturadas, de fato emitiu mais esta resposta.

4 Considerações Finais

Um dos objetivos desta pesquisa foi compreender algumas das variáveis envolvidas na origem e manutenção do transtorno obsessivo-compulsivo e as formas pelas quais o tratamento vem sendo realizado. Pôde-se observar que mesmo uma das formas mais antigas e disseminadas de tratamento (a dessensibilização sistemática) não se mostra eficaz em alguns casos, seja por desistência do tratamento, seja por recidivas dos comportamentos. Pesquisou-se então alternativas de tratamento e o treinamento de habilidades sociais pareceu bastante promissor, visto que muitos dos indivíduos com diagnóstico de TOC possuem um repertório social bastante limitado, que por vezes acaba contribuindo na manutenção e agravamento deste problema.

Parte importante do treinamento de habilidades sociais é a avaliação inicial do repertório social do indivíduo, que além de direcionar as estratégias de intervenção, possibilita a avaliação do sucesso de tais intervenções. Assim, o outro objetivo deste trabalho foi analisar e comparar os resultados obtidos por duas formas de avaliação de habilidades sociais, uma realizada por meio de um inventário padronizado (Inventário de habilidades sociais – IHS Del Prette) e a outra por meio da observação direta destes mesmos participantes em atividades estruturadas.

Pôde-se perceber que os resultados obtidos entre as avaliações foram bastante divergentes e, como visto anteriormente, diversos aspectos podem ter colaborado para isso. Apesar destas diferenças, as avaliações estruturadas mostraram-se muito úteis por permitir a observação direta da interação social dos participantes, possibilitando a avaliação dos repertórios e déficits de habilidades sociais, tanto no sentido quantitativo, através do levantamento da frequência, ocorrência e ausência da resposta, quanto no sentido qualitativo em que pôde-se observar se a topografia dessas respostas seriam suficientes para obter reforço. Além disso, as atividades estruturadas permitem a elaboração de uma gama enorme de atividades.

O inventário padronizado também pode ser uma boa ferramenta de avaliação, pois possibilita avaliar uma infinidade de situações de interação que não são facilmente observáveis no ambiente natural, seja porque não são corriqueiras, seja porque certas situações não permitem um observador presente. No entanto, isto exige uma habilidade complexa do indivíduo, que precisa ter capacidade de tatear seus próprios comportamentos com precisão e para tal seria necessário encontrar formas de identificar essa “habilidade”. Uma sugestão seria comparar o que foi observado pelo pesquisador e o que foi relatado pelo indivíduo em diferentes situações e pelos resultados

obtidos talvez fosse possível avaliar a confiabilidade do relato. No caso do relato e da observação terem sido semelhantes, poderia ser interessante utilizar, com este indivíduo que demonstra ter habilidade de tatear de forma precisa, o método do inventário, no qual são descritas as situações e o participante deve estimar o número de vezes em que ele reagiu de determinada maneira. Isto poderia aumentar consideravelmente a diversidade de situações avaliadas.

Apesar das vantagens, as duas formas de avaliação apresentam limitações importantes, pois sozinhas, elas não permitem avaliar como de fato o indivíduo se comporta em seu ambiente natural. Sugere-se, então, para um trabalho futuro que seja realizada, além da observação em atividades estruturadas, a observação em ambientes naturais, para que seja possível avaliar como o indivíduo de fato interage em seus diferentes contextos e quais variáveis interferem em suas habilidades sociais.

Com relação a este trabalho, seria interessante que numa replicação fossem elaboradas atividades com situações mais semelhantes as descritas no inventário, promovendo assim maior variedade de comparação entre as estimativas de emissão de respostas avaliadas pelo Inventário e o número de ocorrência de respostas avaliadas nas atividades estruturadas. Sugere-se também que o número de atividades criadas seja maior, permitindo observar a emissão de uma mesma resposta num maior número de oportunidades.

REFERÊNCIAS

- BANACO, R. A. Auto-regras e patologia comportamental. In: Sobre o comportamento e cognição: a aplicação da análise do comportamento e terapia cognitivista, vol. 3, Santo André: ARBytes, 1997, p. 80-88.
- BANACO, R. A. Alternativas não aversivas para tratamento de problemas de ansiedade. In: MARINHO, M. L. e CABALLO, V. E. (orgs.): Psicologia clínica e da saúde. Londrina: Atualidade Acadêmica, 2001, p. 197-212.
- BISACCIONI, P.; CARVALHO NETO, M. B. Algumas considerações sobre o “pequeno Albert”. *Temas em psicologia*, v. 18, nº 2, 2010, p.491-498
- CABALLO, V. E. Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais. São Paulo: Livraria Santos, 2003.
- CORDIOLI, V. A. TOC: Manual de terapia cognitivo-comportamental para o transtorno obsessivo-compulsivo. 2º edição. Porto Alegre: Artimed, 2014.
- DEL PRETTE, A & DEL PRETTE, Z. A. P. Psicologia das Habilidades Sociais – Terapia e Educação. Petrópolis: Vozes Editora, 2001.
- FACOLNE, E. M. O. Uma proposta de um sistema de classificação das habilidades sociais. In: GUILHARDI, H. J. et al. (org.). Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade. São Paulo: Esetec, 2001, p. 159-209.
- GUEDES, M. L. Relação família-paciente no transtorno obsessivo-compulsivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 23 suppl. 2. São Paulo, 2001.
- MITSI, C. A., SILVEIRA, J. M. e COSTA, C. E. Treinamento de habilidades sociais no tratamento do Transtorno Obsessivo-compulsivo: um levantamento bibliográfico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, vol. 6, nº1, 2004, p. 49-59

MURTA, S. G. Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análises da Produção Nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 2005, p. 283-291.

SIDMAN, M. Coerção e suas implicações. Campinas SP: Livro Pleno, 2011 (1989).

SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (1953).

VERMES, J. S. & Zamignani, D. R. A perspectiva analítico comportamental no manejo do comportamento obsessivo-compulsivo: estratégias em desenvolvimento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, vol. 4, nº 2, 2002, p. 135-149.

ZAMIGNANI, D. R. Uma tentativa de entendimento do comportamento obsessivo-compulsivo: algumas variáveis negligenciadas. In: *Sobre comportamento e cognição: questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos*, vol. 6, 2000, p. 247-256.

American Psychiatric Association (2000). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fourth Edition: DSM-IV-TR®

ANEXOS

Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido

O projeto do qual você participará refere-se a um Trabalho de Conclusão de Curso da graduação do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A presente pesquisa tem por objetivo avaliar através de diferentes ferramentas o comportamento social de adolescentes diagnosticados com Transtorno Obsessivo Compulsivo, a fim de investigar se há correlação nos resultados encontrados entre as mesmas.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a), bem como as gravações realizadas durante as sessões. Os dados e resultados obtidos poderão ser comunicados após o encerramento da pesquisa, caso haja interesse.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es).

Consentimento

Declaro que estou ciente das informações fornecidas acima e concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador enquanto for de minha vontade, podendo desistir da colaboração a qualquer momento.

Nome do Participante: _____

RG:_____ Idade:_____ Sexo:_____

Data:_____

Assinatura:_____

Nome do Pesquisador: _____

RG:_____ Idade:_____ Sexo:_____

Data:_____

Assinatura:_____

Anexo B – Folha de Registro

Data:	Nº da Atividade:		
ARGUMENTAÇÃO	C.	A.	F.
Faz Pedido			
Justifica Pedido/ Justifica sua importância			
Pede justificativa diante de uma recusa a um pedido seu			
Insiste no pedido			
Nega Pedido			
Justifica negação de pedido			
Pede justificativa diante de um pedido feito a ele			
Pede sugestão			
Defende/justifica sua opinião			
Apresenta/explora alternativas para solução de um problema			
Pede mudança de comportamento			
Reivindica/Defende seus direitos			
EMPATIA			
Pede "Por favor"			
Agradece			
Expressa opinião sobre a experiência do outro / sobre o outro			
Dá continuidade a conversa acrescentando informações			
Faz perguntas sobre o que o outro acabou de dizer / sobre o outro			
Repete o que a outra pessoa falou			
Relata respeitar a opinião do outro			
Elogia			
Recebe elogio agradecendo			
Convida o outro para participar de forma adequada			
EXPRESSÃO			
Cumprimentar ao chegar			
Inicia a atividade			
Pergunta/Tira dúvida/Pede esclarecimento			
Expõe sua opinião sobre assuntos diversos			
Expõe sua opinião sobre algo pessoal			
Expressa sentimento positivo			
Expressa sentimento negativo			
Expressa agrado à situação			
Expressa desagrado à situação			
Responde o que foi perguntado de forma objetiva			
Fala fluente			
Fala com pouco ou nenhuma latência			
Encerra sua fala			

(Continua)

COMPORTAMENTO NÃO VERBAL				
Mantém seriedade				
Mantém olhar				
INADEQUADOS				
Fala truncada				
Fala repetitiva				
Fala com latência				
Fala arborizada				
Fala com dúvida (não sei, acho, talvez)				
Impõe algo ao outro				
Express crítica (aspectos negativos do outro)				
Traz atenção para si em momento inadequado				
Fica aborrecido/agressivo quando não atendido				
Desiste de seu pedido sem insistir				
Faz comentários como: Ai meu Deus, Nossa, ishi, etc				

Legenda:

X: não houve oportunidade do comportamento ocorrer

0: Comportamento não emitido

1,2,3...: Ocorrência do comportamento

(I) Não espontâneo

Arborizar: Falar de outro assunto que não o perguntado.

Latência: Pausa inicial com mais de 5 segundos.

Truncado: Depois que iniciou a fala fazer pausas de mais de 5 segundos.

Anexo C - Histórias da Atividade 2

História 1: Heinz e a medicação

Na Europa, uma mulher estava perto da morte com uma doença rara. Havia uma droga que os médicos pensavam que podia salvá-la. Era uma forma que um farmacêutico (químico) na mesma cidade havia descoberto recentemente. O preparo da droga era muito caro e dispendioso, mas o farmacêutico (químico) cobrava dez vezes mais do que a droga lhe custava. Ele pagava 200 dólares por ela e cobrava 2000 dólares por uma pequena dose da droga. O marido da mulher enferma, Heinz, foi a cada pessoa que conhecia e pediu emprestado, mas conseguiu juntar somente a quantia de 1000 dólares, que era a metade do custo da droga. Falou para o farmacêutico que a sua mulher estava quase morrendo e lhe pediu que vendesse a droga para ele mais barato ou então que permitisse pagar a diferença depois. O farmacêutico disse: “não, eu descobri esta droga e eu tenho o direito de ganhar dinheiro com ela”. Então Heinz ficou desesperado e momentos depois quebrou a loja do homem para roubar a droga para a sua esposa.

Heinz poderia ter roubado a droga?

Esse roubo era certo ou errado? Por quê?

Era um dever roubar a droga para a sua esposa se não havia outra maneira?

Poderia um bom marido roubar?

Tinha o farmacêutico o direito de cobrar o quanto quisesse já que não havia uma lei estabelecendo limites no preço? Por quê?

História 2 - IIª Guerra Mundial

Um padre alemão decide por sua própria conta e risco proteger uma família de judeus da perseguição nazista. A sua casa possuía um quarto que ficava embaixo da sala. A comunicação da sala para este quarto se dava por uma passagem secreta que, à primeira vista, parecia imperceptível. E como sobre esta passagem havia um tapete, ninguém imaginaria que ali embaixo estaria uma família. Como uma pessoa íntegra e veraz, que não mentia em hipótese alguma, o padre temia que, de alguma forma, alguém pudesse descobrir e delatar o que ele fazia. Infelizmente, um dia a Gestapo bateu à sua porta. Ao ele abrir, perguntaram à queima-roupa: “Tem judeus na sua casa?”.

O que deveria o padre dizer?

Deveria ele mentir e dizer que não havia judeus lá?

Deveria dizer a verdade e “deixar com Deus” as consequências?

Poderia ele salvar aquelas pessoas?

É correto mentir?

História 3 – A história da Mulher do Caixeiro-Viajante

Era uma vez um caixeiro-viajante que, por conta do seu trabalho, passava vários dias e até meses fora de casa. Por esse motivo sua mulher sentia-se muito solitária. Um dia, chegou à cidade um visitante que já conhecia a mulher do caixeiro-viajante e a convidou para sair. Uma vez que o marido era muito ciumento, a mulher relutou em aceitar o convite do amigo, porém, em seguida, saiu com ele.

Entraram num barco, atravessaram o rio que cortava o lugarejo e foram para um lugar conversar. Durante algum tempo, conversaram bastante e, quando ela percebeu, já era tarde e perto da hora do marido chegar. Atordoada, saiu às pressas e, na margem do rio, deu-se conta de que não dispunha de dinheiro para pagar a passagem de volta. Explicou o problema ao moço do barco e este não fez nenhum acordo no sentido de transporta-la.

Sobre o rio havia uma ponte. Bem no meio da ponte, vivia um doido que atirava, rio abaixo, as pessoas que por ali passavam. Não tendo alternativa, a mulher resolveu atravessar a ponte e o doido atirou-a rio abaixo. Ela não resistiu e morreu.

Quem é o responsável pela morte da mulher?